

## QUESTÕES FAMILIARES NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE AS CORTES DE MADRID E LISBOA (1784-1788): TEMAS E PROBLEMAS

Isabel Drumond Braga  
(Universidade de Lisboa, CIDEHUS-UE e CH-ULisboa)  
[isabeldrumondbraga@gmail.com](mailto:isabeldrumondbraga@gmail.com)  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7035-6497>

### RESUMO

O presente texto parte da análise da correspondência familiar e diplomática trocada entre as cortes de Espanha e Portugal, durante o curto período do casamento dos infantes D. Gabriel de Bourbon e D. Mariana Vitória de Bragança. As abundantes cartas permitem conhecer o quotidiano palaciano durante o final do reinado de Carlos III, com destaque para casamentos, gravidezes, nascimentos, divertimentos e mortes vividas na família real. Abundam conselhos, comentários, perguntas, sugestões e muitas emoções, especialmente na correspondência familiar.

PALAVRAS-CHAVE: epistolografia; família real; Espanha; Portugal; século XVIII.

## FAMILY SUBJECTS IN THE CORRESPONDENCE BETWEEN THE COURTS OF MADRID AND LISBON (1784-1788): THEMES AND PROBLEMS

### ABSTRACT

This paper studies the family and diplomatic correspondence exchanged between Spain and Portugal, during the short period of the marriage of the infant D. Gabriel de Bourbon and the infant D. Mariana Vitória de Braganza. The abundant letters exchanged between the two courts allow us to know the palace life during the end of the reign of Charles III, with an emphasis on marriages, pregnancies, births, entertainments and deaths. Advices, comments, questions, suggestions and many emotions are present, especially in family correspondence.

KEYWORDS: epistolography; royal family; Spain; Portugal; 18<sup>th</sup> century.

“las cartas *animan* a los que no están, les hacen *respirar*, hacen posible *conversar* en la distancia”<sup>1</sup>.

## 1. CARTAS, INFORMAÇÕES E EMOÇÕES

A carta, uma prática de escrita com enorme tradição, intrinsecamente ligada à alfabetização e à organização dos serviços postais<sup>2</sup>, pode ser entendida como uma forma de sociabilidade e como um meio de comunicar por escrito com o semelhante, visando pôr em comum informação. Para uns, apresenta um autorretrato do autor e um retrato do recetor<sup>3</sup>, funcionando como um lenitivo para a saudade e um remédio para a ausência. Na definição de Andréa Rocha, a carta é um “substituto da presença corpórea”<sup>4</sup>. Ou, como referiu Fernando Bouza, “lo que no pueden las cartas es vencer la ausencia, lo que acaso pueden es paliar sus efectos”<sup>5</sup>. Numa época em que, entre as figuras da casa real, a saída do reino de nascimento para o de acolhimento, por motivos matrimoniais, era quase sempre definitiva, a importância da epistolografia familiar torna-se clara. A leitura da correspondência revela sempre algo sobre os seus autores, em especial quando estamos em presença de peças autografadas. A materialidade das cartas apresenta intencionalidade que não escapa aos destinatários<sup>6</sup>, tanto mais que o poder económico, o gosto pessoal, a educação e o requinte dos autores são sempre denunciados pela maneira como estes e outros aspetos aparecem aos olhos dos recetores, uma vez que se trata de um género consciente da sua receção.

Na ausência de visitas pessoais e de viagens recreativas, eram a correspondência particular e as notícias contidas nas cartas dos ministros estrangeiros, que permitiam conhecer a realidade familiar, pois, a par das informações políticas, circulavam abundantes notícias sobre o quotidiano dos palácios espanhóis. Então, já o estabelecimento da diplomacia moderna assentava na presença de embaixadas permanentes, reciprocidade, extraterritorialidade e partilha de informação<sup>7</sup>. Aos representantes do reino no estrangeiro, eram úteis competências oratórias para escrever relatórios, cartas e discursos, transmitindo informação, e ainda para negociar e representar o monarca. Havia quem considerasse as cartas, a par com a espionagem,

---

<sup>1</sup> Fernando Bouza, *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro* (Madrid: Marcial Pons, 2001), 140.

<sup>2</sup> Antonio Castillo Gómez, “Cinco siglos de cartas: notas sobre la comunicación epistolar en España (siglos XV a XX)”, in Tânia Lobo, Zenaide Carneiro e outros (org.), *Rosae: linguística histórica, história da língua e outras histórias*, (Salvador: EDUFBA, 2012) 607-622.

<sup>3</sup> Carmen Serrano Sánchez, “La evocación del ausente en la escrita epistolar áurea”, in Antonio Castillo Gómez (coord.), *Culturas del escrito en el mundo occidental del Renacimiento a la contemporaneidade*, coordenação de (Madrid: Casa de Velázquez, 2015) 67-80.

<sup>4</sup> Andréa Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, 2.<sup>a</sup> edição, ([Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985) 13.

<sup>5</sup> Bouza, *Corre manuscrito...*, p. 137.

<sup>6</sup> Fernando Bouza, “Escribir a corazón abierto: emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII”, *Varia Historia*, vol. 35, n.º 68 (2019) 507-524.

<sup>7</sup> Lucien Bély, *L'art de la paix en Europe: naissance de la diplomatie moderne XVI-XVIII<sup>e</sup> siècles* (Paris: Presses Universitaires de France, 2007) 583-584.

uma das obrigações mais relevantes dos embaixadores, tal foi o caso do jurista Cristóvão Soares de Abreu (1601-1684)<sup>8</sup>.

## 2. A CORRESPONDÊNCIA E AS QUESTÕES FAMILIARES

As relações familiares sempre foram utilizadas como garante de paz. Entre Portugal e Espanha, ultrapassadas as sequelas da Guerra da Restauração (1640-1668), voltou-se à prática corrente de encontrar cônjuges para os filhos dentro da Península Ibérica, não obstante as alianças com outros espaços. Os casamentos de Braganças e Bourbons cimentaram as boas relações políticas e colocaram primogénitas e secundogénitas no reino do outro. Como sistematizou Lucien Bély, vivia-se, em termos políticos, a sociedade dos príncipes<sup>9</sup>, na qual princesas e infantas desempenharam um papel relevante, aparecendo como peças de um jogo de xadrez que outros jogavam, o que não as impedia de desempenharem poder político informal no estrangeiro<sup>10</sup>. Assim se compreende que a troca de correspondência entre as cortes de Lisboa e Madrid seja constante e rica em matérias familiares, sobressaindo questões como a saúde, o amor maternal, filial e fraternal, a par dos conselhos, comentários e agradecimentos, em contexto de reservado e íntimo. Estudar cartas significa referir emoções, sabendo-se que a história das sensibilidades procura avaliar o papel dos afetos nas condutas individuais e, em última instância, nas sociedades, abarcando desde os sentidos, as perceções e as emoções até aos sentimentos e às paixões<sup>11</sup>.

### 2.1. Casamentos

A opção peninsular concretizou-se no século XVIII, em dois momentos, isto é, nos anos de 1727 e 1728, com os casamentos do príncipe D. José (1714-1777, r. 1750-1777) com D. Mariana Vitória (1718-1781) e do príncipe das Astúrias, Fernando (VI) (1713-1759, r. 1746-1759), com D. Maria Bárbara (1711-1758), respetivamente, os quais deram origem à chamada troca das princesas, no Caia, em 19 de janeiro de 1729<sup>12</sup>. Anos mais tarde, esta prática repetiu-se. Casaram-se o infante, depois príncipe e, finalmente, rei D. João VI (1767-1826, r. 1816-1826) com a princesa D. Carlota Joaquina (1775-1830); e os infantes D. Gabriel (1752-1788) e D. Mariana Vitória

---

<sup>8</sup> Pedro Cardim, ‘Nem tudo se pode escrever’: correspondência diplomática e informação política em Portugal durante el siglo XVII’, *Cuadernos de Historia Moderna. Anexos*, n.º 5, (2005) 96.

<sup>9</sup> Lucien Bély, *La société des princes XVI-XVIII siècles* (Paris: Fayard, 1990).

<sup>10</sup> Bartolomé Bennisar, *Le lit, le pouvoir et la mort: reines et princesses d'Europe de la Renaissance aux Lumières* (Paris: Fallois, 2006).

<sup>11</sup> Hervé Mazurel, ‘Introduction: l’exploration du sensible’ in Alain Corbin, Hervé Mazurel, *Histoire des sensibilités*, (Paris: Presses Universitaires de France, 2002) 11, 16.

<sup>12</sup> Nuno Gonçalo Monteiro, *D. José na sombra de Pombal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006). 18-23; Susana Münch Miranda e Tiago C. P. dos Reis Miranda, *A rainha arquiduquesa: Maria Ana de Áustria* Lisboa: Círculo de Leitores, 2013) 174-178; Paulo Drumond Braga, *A rainha discreta: Mariana Vitória de Bourbon* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2014) 44-60.

(1768-1788), em 23 de março e 12 de abril de 1785, respetivamente. A troca das princesas ocorreu em 8 de maio, em Vila Viçosa<sup>13</sup>.

As negociações haviam começado em 1783, quando a rainha de Portugal, D. Maria I (1734-1816), escreveu ao tio, o rei Carlos III (1716-1788), de Espanha, pedindo-lhe ajuda e opinião acerca da melhor opção para o casamento dos infantes D. João e D. Mariana Vitória. D. Maria I adiantou que havia pensado em duas eventuais opções, a filha mais velha do rei de Nápoles, Fernando I (1751-1825), isto é, Maria Teresa (1772-1807), ou a filha mais velha do duque de Parma, Fernando I (1751-1802), ou seja, Carolina (1770-1804). A primeira era neta e a segunda era sobrinha do rei de Espanha. Aparentemente, a mãe dos futuros noivos preferia a segunda opção, no caso de poder “haver troco” da infanta portuguesa com o filho do duque de Parma, “pois, assim, ficava também acomodada”<sup>14</sup>. Carlos III respondeu, em 24 de outubro, mostrando a sua disponibilidade para intermediar o assunto, não deixando de lembrar que Luís (1773-1803), o filho do duque de Parma, tinha apenas 10 anos, “lo regular, conviene el contrario”<sup>15</sup>. D. Maria I considerou a opção napolitana e solicitou que o monarca espanhol ajudasse na negociação<sup>16</sup>.

O 3.º marquês do Lourçal, D. Henrique de Meneses (1727-1787), e o conde de Floridablanca, José Moñino y Redondo (1728-1808), entabularam negociações, delas saindo uma outra opção do agrado de Portugal e de Espanha. D. Maria I, em 21 de novembro de 1784, mostrou-se encantada com a hipótese de matrimoniar o filho com D. Carlota Joaquina, considerando “ser a maior fortuna que ele podia ter”, e referindo não ter abordado essa opção por causa da idade da infanta, pensando que o rei “a não quereria ainda ajustar ou tivesse na ideia dar-lhe outro destino”<sup>17</sup>, ao mesmo tempo que insistiu na necessidade de “acomodar” D. Mariana Vitória com Luís de Parma, ou com o duque de Aosta, Giuseppe Benedetto de Saboia (1766-1802). Carlos III mostrou-se “pronto a que tenga efecto esta unión y me alegre mucho com ella” e referiu o primogénito de Parma para a infanta, em carta datada de 28 de novembro<sup>18</sup>. O matrimónio implicou, além da correspondência com Carlos III, a troca de cartas entre a rainha de Portugal e os príncipes das Astúrias, Carlos (IV) (1748-1819) e Maria Luísa de Parma (1751-1819), pais da noiva. Estes também receberam missivas do infante D. João, futuro genro.

No final de fevereiro do ano seguinte, já o noivo de D. Mariana Vitória era D. Gabriel, depois de o infante ter sido pensado para casar em França, com uma das filhas de Luís XV (1710-1774, r. 1715-1774), isto é, Maria Luísa Isabel (1727-1759) ou Maria Adelaide (1732-1800)<sup>19</sup>. O conde de Floridablanca e o marquês do Lourçal deveriam

---

<sup>13</sup> Juan Martínez Cuesta, *Don Gabriel de Borbón y Sajonia: mecenas ilustrado en la España de Carlos III* (Valencia: Real Maestranza de Caballería de Ronda, Editorial Pre-Textos, 2003) 85-200; Jorge Pedreira, Fernando Dores Costa, *D. João VI, o Clemente* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006) 34-37; António Ventura, “Carlota Joaquina”, *Rainhas de Portugal no Novo Mundo* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011) 21-31.

<sup>14</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Veja-se Martínez Cuesta, *Don Gabriel de Borbón y Sajonia...*, pp. 86-108.

ocupar-se da redação do contrato de casamento, semelhante ao que se estabelecera para D. João e D. Carlota Joaquina<sup>20</sup>. Carlos III e D. Maria I foram trocando impressões acerca da dispensa a pedir a Roma, da ratificação dos contratos e da celebração dos desponsórios<sup>21</sup>. Em 13 de abril de 1785, D. Maria I, referindo-se ao casamento efetuado na véspera, considerou que as felicitações entre as duas famílias deveriam ser recíprocas<sup>22</sup>, enquanto em 19 de abril, Carlos III deu graças a Deus pela conclusão do enlace, “las cuales [bodas] tengo por seguro que han de ser felices y de suma y durable satisfacción para todos”<sup>23</sup>.

Uma longa carta do 6.º conde de Fernán Nuñez, Carlos José Gutiérrez de los Rios y Rohan Chabot (1742-1795), embaixador de Espanha em Portugal, ao conde de Floridablanca, datada de 30 de maio de 1785, referiu os festejos no reino, designadamente em Lisboa e em Vila Viçosa, por ocasião dos duplos casamentos e pela entrada da infanta D. Carlota Joaquina, em Portugal. Naquela localidade, preparava-se uma “función militar”, enquanto na capital, “En la Plaza de Comercio habrá un magnifico fuego de artificio y en el coliseo del palácio de Belém se cantará un drama alegórico con el bestuario y decoraciones correspondientes por los músicos de la real capilla”<sup>24</sup>. O embaixador, atendendo a que a corte mandou fazer fogos de artificio e o palácio do Rossio estava no centro da cidade, declarou ter feito uma opção diferente: “he preferido hazer una iluminación vistosa en su fachada y plaza donde esta situado y en el centro de ella haverá un magestoso arco triunfal, coros de musica y a sus lados dos obliscos”<sup>25</sup>.

O casamento de D. Gabriel e de D. Mariana Vitória foi o primeiro a consumar-se, dando origem à troca de correspondência entre as várias pessoas da família. Logo em março de 1784, o príncipe das Astúrias, pai de D. Carlota Joaquina, em carta a D. Maria I, congratulou-se com o projeto dos duplos matrimónios, enquanto o príncipe herdeiro de Portugal, D. José (1761-1788), fez o mesmo em missiva dirigida a Carlos III<sup>26</sup>. Maria Josefa (1744-1801), irmã do noivo, escreveu a D. Maria I, em 8 de março de 1784, mostrando-se agradada com a notícia<sup>27</sup>. E, dias depois, em 19 de abril, para a mesma senhora, enviou parabéns, “mil enorabuena por la celebración del desposório de mi hermano Gabriel com nuestra querida Mariana Vitoria, que nos deja a todos llenos de gusto y satisfacción”<sup>28</sup>. No mesmo dia, Carlos III mostrou-se satisfeito ao tomar conhecimento “de quedar efetuado el desposório del infante D. Gabriel con la infanta D. Mariana”<sup>29</sup>, em carta dirigida a D. Pedro III (1717-1786). Nessa ocasião, o príncipe Carlos recordou que a cunhada estava longe de precisar das atenções que D.

<sup>20</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>21</sup> Martínez Cuesta, *Don Gabriel de Borbón y Sajonia...*, pp. 86-200.

<sup>22</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4540.

<sup>25</sup> Ibidem. Também D. Maria I, em carta dirigida a D. Mariana Vitória, de 19 de julho de 1785, referiu as festas dadas pelo embaixador. Cf. Alice Lázaro, *Com o mais fino amor: cartas íntimas da rainha Dona Maria I para a filha (1785-1787)* (Lisboa: Chiado Editora, 2014) 110-112.

<sup>26</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4540.

<sup>27</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.

Carlota Joaquina necessitaria em Lisboa, o que não o impediria de a apoiar, “experimentará en mi el cariño y confianza de una verdadera hermana y amiga”<sup>30</sup>. A princesa das Astúrias referiu-se ao casamento como “mayor fortuna”<sup>31</sup>, em março de 1784. Um ano depois, em 19 de abril de 1785, prometeu distinguir D. Mariana Vitória com amizade e carinho<sup>32</sup>.

A infanta portuguesa escreverá e receberá cartas do marido, dos cunhados e do sogro. Carlos III começou por agradecer-lhe a primeira que a nora lhe enviara acerca do casamento<sup>33</sup>. Em outra, desejou-lhe boa viagem e expressou o seu contentamento por saber que D. Mariana Vitória estava alegre por se deslocar a Espanha<sup>34</sup>. Outras se seguiram sobre o aniversário de D. Gabriel e, já em viagem, a infanta portuguesa, em 15 de maio de 1785, fez saber ao sogro que já estava em Miajadas, “por toda a parte tenho sido assistida e servida como filha de Vossa Majestade”<sup>35</sup>. Antes ainda, Maria Josefa, em 19 de abril, escreveu-lhe: “nadie há tenido mayor gusto que yo en la unión de Vuestra Alteza com mi hermano Gabriel, y eso me causa una satisfacción la primera carta que recivo de Vuestra Alteza en que me participa haberse celebrado [...], tendrá en mi, una hermana”<sup>36</sup>, enquanto Maria Luísa de Parma prometeu, de novo, fina e constante amizade<sup>37</sup>. D. Gabriel começou a escrever aos sogros e à mulher a partir de março de 1784. A D. Maria I afirmou sentir-se “afortunado y muy lisongero”, com o casamento<sup>38</sup>, ideia que repetiu em 19 de abril, considerando-se “dichoso”<sup>39</sup>. As cartas que dirigiu a D. Pedro III apresentaram conteúdos idênticos. Em 13 de maio, D. Gabriel receava moléstias durante a viagem da mulher, afirmando “no estaré tranquilo hasta que la vea en este palácio”<sup>40</sup>. Em 24 de julho de 1785, já desfrutava da companhia de D. Mariana Vitória. Antes, para a mulher, o infante não se alargou em comentários. Em 19 do mês seguinte, dizia-se “arrebatao de gozo com la noticia, para mi tan plausible, de haberse celebrado el desposório”<sup>41</sup>. Em maio, antes de se referir aos eventuais transtornos da viagem, começou por afirmar que “los años que yo cumpla en companhia de Vustra Alteza serán dichosos”<sup>42</sup>. Quatro dias depois, em 15 de maio, respondeu a uma carta da infanta e mostrou-se satisfeito por saber que aquela já se encontrava em Espanha<sup>43</sup>.

A perspetiva da chegada da infanta portuguesa motivou o envio de mais cartas para Lisboa. O príncipe das Astúrias, em 19 de abril de 1785, reforçou que o casamento

---

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Ibidem.

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Ibidem. Sobre as relações entre D. Mariana Vitória e as cunhadas, veja-se Martínez Cuesta, *Don Gabriel de Borbón y Sajonia...*, p. 253.

<sup>38</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Ibidem.

assegurava a união das duas famílias, “ni habra para mi mayor gusto que el de ver cada día mas afirmada la unión de las dos familias. La infanta experimentara en mi el carino de un verdadeiro hermano”<sup>44</sup>. Maria Josefa será carinhosa para D. Maria I, ao escrever-lhe, em 13 de maio de 1785, estar “muy deseosa de que se halle algo más tranquilla despues de passado el primer sentimiento de la separación de su amada hija y mi hermana”<sup>45</sup>. Em 23 de maio, com a chegada da infanta, expressou-se, novamente, com carinho<sup>46</sup>. E, no início de junho, reforçou a sua posição, ao escrever que “no tendré yo mérito alguno en tratar com entrañable carino a nuestra querida Mariana, pues ella se lo merece todo, y sera para mi del mayor regocijo el que se halle tan satisfecha de mi trato com lo que yo estoy del suyo”<sup>47</sup>.

Carlos III, em carta a D. Pedro III, afirmou, em 23 de maio de 1785, que a nora havia chegado “y al verla y abrazarla nos há colmado a todos de gozo. Yo quedo com la mas completa satisfacción de tenerla ya en mi familia, y su amable aspeto me promete que cada dia se me há de acrescentar”<sup>48</sup>. Nesse mesmo dia, a D. Maria I, considerou que “Gabriel há logrado una esposa en cuyo semblante brillan el pudor y la inocencia”<sup>49</sup>. E, em 3 de junho, “la amable Mariana no hay experimentado novedad com la mudanza de país”<sup>50</sup>. Dias depois, nova carta do monarca espanhol para o rei consorte de Portugal fazia saber que a corte passaria de Aranjuez para Madrid, “aquí han enpezado ya los calores y el jueves de la semana próxima llevaremos a Madrid a nuestra Mariana, con cuyo trato y compañía tengo cada vez mayor gusto”<sup>51</sup>.

## 2.2. Vida quotidiana

A correspondência mais assídua e íntima foi a que foi trocada entre irmãos, isto é, entre D. Mariana Vitória e o então infante D. João. Escreveram-se todos os dias durante a viagem e várias vezes por semana, até à morte da infanta. Ainda a noiva não tinha encontrado o marido, já as mostras de saudade estavam omnipresentes nas cartas, levando o infante a declarar várias vezes, ao longo dos anos de 1785 a 1787, “se saudades matassem, eu já há muito tempo estava morto”<sup>52</sup>. Por outro lado, D. Mariana Vitória começou a expressar o seu desejo de visitar os pais e o irmão, logo em junho de 1785, isto é, menos de um mês após a chegada à corte espanhola. Este assunto foi sucessivamente abordado e nunca se conseguiu resolver a contento da infanta, contando com a oposição da rainha de Portugal<sup>53</sup>. A proximidade e a cumplicidade entre os dois irmãos eram notórias, de tal forma que D. Mariana Vitória comentou a sua noite de núpcias, levando D. João a considerar, em 29 de maio, que “estimo que

<sup>44</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> Alice Lázaro, *Se saudades matassem... cartas íntimas do infante D. João (VI) para a irmã (1785-1787)*, (Lisboa: Chiado Editora, 2011) 114, 157, 159, *passim*.

<sup>53</sup> Lázaro, *Se saudades...*, pp.145, 155, 183, 258, 270, 345, 383, *passim*.

achas no teu homem todas as qualidades que ornar um coração bom. Do que me dizes devido ser vergonhoso acho-te razão por ser a primeira vez que te sucede dormir com companhia na mesma cama, mas o mais que ele te há-de ter feito é de te ter regalado, sem embargo que na primeira [vez] te havia de custar alguma coisa”<sup>54</sup>. Não obstante, em julho desse mesmo ano, D. João lamentou que a irmã nada lhe contasse da sua vida de casada<sup>55</sup>. As cartas da infanta foram queimadas, a seu pedido, segundo testemunhou o próprio irmão<sup>56</sup>, mas pelas deste muito se fica a saber sobre D. Mariana Vitória.

A Lisboa também havia chegado D. Carlota Joaquina. D. Maria I, que se mostrou saudosa pela partida da filha, em carta de 16 de maio de 1785, dirigida a Carlos III, não deixou de ir dando notícias acerca da pequena infanta. Em 8 de maio, considerou-a “engraçadíssima e viva e fez tudo como se tivesse outra idade”<sup>57</sup>. Nessa mesma data, aos príncipes das Astúrias, referiu a chegada “com a maior felicidade”<sup>58</sup>, enquanto, uma semana depois, confessou ao tio, “cada vez estimo mais estar de posse dela e ver que não tem estranhado e se conserva muito boa e alegre”<sup>59</sup>. Em 19 de maio, a infanta “cada vez se faz mais estimável e certamente tem suavizado a falta de Mariana Vitória”<sup>60</sup>. Para Maria Luísa, D. Maria I teve palavras simpáticas, em 4 de julho de 1785, “a sua viveza faz que tenha ainda algumas coisas próprias da idade, que se lhe devem evitar e com o tempo as perderá, mas acho conveniente permitir-lhe o desafogo que não se oponha assim a saúde como as suas lições”<sup>61</sup>. No final de setembro, foram os exames, passados com distinção, que foram objeto de referência, enchendo de alegria uma mãe saudosa. D. Maria I considerou que o desempenho da infanta fora “o melhor que pode ser e com desembaraço e seriedade”<sup>62</sup>. Para D. Mariana Vitória, seguiram cartas de idêntico teor<sup>63</sup>.

Nos primeiros tempos do casamento, a correspondência da rainha para a filha insistiu na necessidade de a infanta saber ganhar a amizade de toda a família espanhola, ao mesmo tempo que se congratulou pelas boas relações entre o casal, um ponto em que sempre insistiu. D. Maria I exortou sistematicamente D. Mariana Vitória a estar com as cunhadas e a rapidamente aprender castelhano. Logo em 12 de setembro de 1785, fez-lhe notar que D. Carlota Joaquina já ia falando português, estimando que a filha fizesse o mesmo com o castelhano<sup>64</sup>. Em 3 de outubro, reforçou que a infanta deveria “falar a língua do país”<sup>65</sup>. Estes dois assuntos também estiveram presentes na correspondência do infante D. João. Sobre a segunda questão, foi o próprio que lhe perguntou, em carta de 23 de setembro de 1785, se já dominava a língua, acrescentando

<sup>54</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 146.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 157

<sup>57</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Lázaro, *Com o mais fino...*, pp. 149-150, 151, 158.

<sup>64</sup> Ibidem, pp. 149-150.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 159.

que D. Carlota Joaquina falava português muito bem e continuava a expressar-se na sua língua materna, a pedido de D. Maria I<sup>66</sup>.

A curiosidade de D. Mariana Vitória sobre o que se passava em Portugal era enorme. D. João informava-a sobre os passeios que a família dava, as festas da corte e as mortes que iam ocorrendo entre a nobreza e a criadagem do palácio. Congratulava-se com as boas relações que havia entre a irmã e os príncipes das Astúrias, em especial, Maria Luísa de Parma, não sendo claro o problema que a infanta portuguesa com esta teve, em meados de 1787, a que D. João respondeu com palavras de serenidade e bom senso. A frequente troca de cartas também permite saber que D. Marina Vitória não achava San Ildefonso um sítio bonito nem gostava do palácio de El Pardo, considerando os divertimentos da corte espanhola “sensaborias”<sup>67</sup>, evidenciando diferenças entre as duas cortes ibéricas.

Apenas em uma ocasião, o espaço doméstico de D. Gabriel e de D. Mariana Vitória foi objeto de menção pelo embaixador de Portugal, se excetuarmos as visitas ao quarto da infanta, mormente nas ocasiões dos partos. O marquês do Louriçal, em 25 de dezembro de 1787, fez saber que o infante D. Gabriel lhe mostrou, no palácio de Madrid, o presépio “que fez com grande aparato e magnificência”. O mesmo foi igualmente visto pelos príncipes das Astúrias, que também convidaram o ministro português a visitar o deles, acabando aquele por observar também o do infante António Pascoal (1755-1817). Gostou de todos e salientou que estavam muito bem iluminados. Nesta ocasião, teve oportunidade de referir que, ao passar pelos quartos interiores, ornados com lustres ingleses e outras peças de muito bom gosto, segundo o seu parecer, D. Gabriel mostrou-lhe a nova biblioteca que estava a montar e que constava de “três casas com boas estantes e muitos livros bons, de que Sua Alteza se aproveita, porque lê o tempo que pode”<sup>68</sup>.

### 2.3. Divertimentos

A caça fazia parte dos divertimentos da nobreza e da família real. Era uma das atividades aristocráticas por excelência. A riqueza cinegética de Portugal permitia a arte venatória de forma sazonal aos membros da casa real, desde a Idade Média. Reis, príncipes e infantes, de ambos os sexos, caçavam em Almeirim, Santarém, Mafra, Vila Viçosa e em outros espaços<sup>69</sup>. O mesmo acontecia em Espanha. A caça era, seguramente, o passatempo preferido de Carlos III. Os seus filhos partilhavam desse gosto. Logo em 14 de março de 1786, uma queda de cavalo foi objeto de notícia por parte do marquês do Louriçal. Carlos III e o príncipe das Astúrias estavam em El Pardo, andando à caça, o cavalo do herdeiro caiu e o príncipe sofreu alguns hematomas

<sup>66</sup> Lázaro, *Se saudades...*, p. 189.

<sup>67</sup> *Ibidem*, pp. 170, 255.

<sup>68</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>69</sup> Paulo Drumond Braga, “Divertimento, utilitarismo e barbárie: a caça”, in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais e Companhia na História de Portugal*, (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015) 195-221; Isabel Drumond Braga, “As Mulheres e o Lúdico na Época Moderna. Algumas Perspectivas de Abordagem”, *Caderno Espaço Feminino*, vol. 28, n.º 1 (2015) 378-401.

do lado direito, assustando o pai, que ia a cavalo alguns passos à frente<sup>70</sup>. Carlos foi sangrado, “tiraram-lhe dez onças de sangue, continuaram as dores do lado direito e o obrigaram a não acompanhar el-rei seu pai à caça nas tardes de 15 e 16, hoje [dia 17] saiu e parecia que nada tinha tido”<sup>71</sup>. Carlos III, que havia emagrecido e ainda recuperava de certo defluxo, não deixou passar a oportunidade de, após o acidente, presentear o herdeiro com várias peças de louça de Sèvres, decorada a azul e dourado<sup>72</sup>.

Mesmo septuagenário, o rei continuava a caçar com muita frequência. Em 25 de julho de 1786, padecia de algum problema de saúde, que levou o embaixador de Portugal, D. Henrique de Meneses, a considerar que “estas repetições são temíveis [...] querendo este soberano fazer o mesmo violento exercício da caça, que praticava quando tinha 50”<sup>73</sup>. Uma batida, com a presença dos três filhos, Carlos, Gabriel e António Pascoal, ocorreu em setembro de 1787. Nessa ocasião, deslocou-se “onde não tinha ido há 10 anos, em distância de seis léguas da qual se retirou muito satisfeito, tendo morto um lobo, sete raposas e 13 perdizes, o que bem prova a sua robustez e as grandes forças que tem adquirido depois dos últimos insultos [problemas de saúde]”<sup>74</sup>, na apreciação do embaixador. No mesmo mês, em El Poular, nova batida com os filhos, na qual os infantes não chegaram a disparar. Mas o rei e o príncipe caçaram<sup>75</sup>. Em novembro de 1787, uma caçada em El Escorial entusiasmou de tal modo Carlos III que este ordenou ao embaixador de Portugal, que enviasse a D. Maria I a lista dos animais que haviam sido mortos. Nela entraram 137, entre gamos, raposas e outros. Rei, príncipe e infante “divertiram-se muito bem porque atiraram e mataram à proporção”<sup>76</sup>. No mês seguinte, as visadas foram 156 galinholas, algumas perdizes e raposas, durante uma estada em Aranjuez. Nessa ocasião, o conde de Floridablanca caçou lebres com cães e em carruagem<sup>77</sup>. A ausência do herdeiro junto do pai, durante as caçadas, era notada. Assim aconteceu em junho de 1788. Segundo o embaixador de Portugal, D. Diogo de Noronha, “ontem foi Sua Majestade só à caça, porque o príncipe das Astúrias ficou repartindo os vestidos, selas e arreios de cavalos que todos os anos dá de novo aos que entram nas cavalladas ou *parejas*, como aqui lhe chamam, amanhã será o primeiro dia delas, e como el rei as vai ver, começarão pelas oito horas e meia da manhã, para que depois possa Sua Majestade jantar e ir à caça o que faz inalteravelmente, conservando a mesma robustez e a mais feliz saúde que se pode desejar”<sup>78</sup>.

Os embaixadores portugueses na corte espanhola foram menos prolixos em relação a festas, confirmando, desse modo, a austeridade vivida na corte de Carlos III. Não obstante, em 26 de agosto de 1788, foi referida a do dia do nome da princesa das Astúrias, celebrado na véspera, em San Ildefonso. Começando por afirmar que viera

<sup>70</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> Ibidem.

<sup>76</sup> Ibidem.

<sup>77</sup> Ibidem.

<sup>78</sup> Ibidem.

muita gente de Madrid, D. Diogo de Noronha esclareceu que “houve um luzido e numeroso beija-mão” e continuou afirmando que “de tarde, desceu a princesa ao jardim, a ver correr as fontes, onde a acompanhou a maior parte do corpo diplomático, sendo infinito o concurso de povo de todas estas aldeias para verem a Sua Alteza e gozar do divertimento do jogo de águas que se não vê senão em semelhantes dias”<sup>79</sup>. Tenha-se presente que assuntos considerados outrora triviais e, conseqüentemente, negligenciados como as festas e as refeições, têm sido valorizados e entendidos como cruciais na formação das práticas diplomáticas<sup>80</sup>, tanto mais que a diplomacia deve ser entendida como “a written and a performative activity”, durante o período moderno<sup>81</sup>.

#### 2.4. Problemas de saúde

A correspondência particular, tal como a dos embaixadores de Portugal junto de Carlos III, foi sempre dando notícias sobre a saúde de todos os membros da casa real. No caso da dos representantes diplomáticos foi comum destacarem a situação de D. Mariana Vitória, sempre de boa saúde<sup>82</sup>. Já o estado de D. Gabriel foi objeto de atenção, pela negativa, em vários momentos. Em 24 de fevereiro de 1786, o infante tinha “bastante tosse, consequência da constipação que tinha os dias passados e com febre que passou, indo ao campo caçar”, segundo informação enviada a Martinho de Melo e Castro, (1716-1795), Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar<sup>83</sup>. Em meados de junho de 1787, padeceu um novo incômodo, já estando restabelecido em 26. Segundo o embaixador de Portugal, o infante sofrera ameaços de sezões, que já ultrapassara, mas, nos últimos dois dias, experimentara “novidade de frio e calor temendo-se que novamente se declarem sezões a que o sítio húmido de Aranjuez é, por extremo, sujeito”<sup>84</sup>. Concluiu, alegando que a mudança para Madrid seria a melhor quina. O infante piorou, mas, em 6 de julho, estava melhor e quase restabelecido<sup>85</sup>. Em Lisboa, o encarregado de negócios, José Caamaño y Gayoso (c. 1735 – c.1815), ficou a saber pelo conde de Floridablanca destes problemas, comentando “veo que el infante D. Gabriel le repitio la terciana, lo siento como corresponde, pero podemos esperar que com el beneficio de la quina que empezo a tomar no tenga segundo ataque”<sup>86</sup>. Na corte de Lisboa, D. Maria I estava a par da situação. No dia 8, Carlos III referiu que “Gabriel há tenido un acometimiento de terciana, há tomado la quina y espero que le vuelva, es efecto del tiempo que esta vario y han caído algunas lluvias que no dexaran

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> Mark Netzloff, *Agents beyond the state: the writings of English travelers, soldiers, and diplomats in Early Modern Europe* (Oxford: Oxford University Press, 2020) 166.

<sup>81</sup> Tracey A. Sowerby, Joanna Craigwood, “Literary and diplomatic cultures in the Early Modern World”, *Cultures of diplomacy and literary writing in the Early Modern world*, coordenação de Tracey A. Sowerby e Joanna Craigwood (Oxford: Oxford University Press, 2019) 9.

<sup>82</sup> Sobre as notícias da corte espanhola fornecidas por outros embaixadores, veja-se César Esponda de la Campa, “El paso de princesa de Asturias a reina de España vista por los embajadores extranjeros en la corte española (1786-1789)”, *Librosdelacorte.es*, n.º 24 (2022) 26-56.

<sup>83</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>84</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>85</sup> Ibidem.

<sup>86</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

de servir para los trigos, remediando en algo la sequedad que se experimentaba”<sup>87</sup>. Uma semana depois, nova carta deu conta que o infante estava curado<sup>88</sup>. Posteriormente, a situação reverteu-se e Carlos III esclareceu a rainha de Portugal que a Gabriel “sobrevino um retoque de terciana, pero ya lo há pasado y há salido a passear”<sup>89</sup>. Em meados de setembro de 1787, voltaram os problemas. O infante estava em San Ildefonso, quando recomeçaram as sezões, que duraram de 15 a 19 do mês. Nesta altura, deixou de tomar quina e passou a ser medicado com flor de centeio, obtendo bons resultados, uma vez que ingeriu sopa, pelas 14,30 horas e jantou com gosto, às 17 horas. Em 25 de setembro, estava curado<sup>90</sup>. Um mês depois, Carlos III focava-se no futuro nascimento do neto, “esperamos ya próximo el alumbramiento de Mariana, que se halla fuerte y animosa”<sup>91</sup>.

As três gravidezes de D. Mariana Vitória foram referidas em muitas cartas. Chegaram até ao presente as dos pais, da tia, do irmão, do marido e do sogro. Nelas perpassam receios e muita ansiedade por parte da gestante, conselhos maternos e paternos, entusiasmo por parte do irmão e algumas informações, em especial sobre os partos, da autoria do marido e do sogro. Desde as suspeitas iniciais das gravidezes, passando pelos enjoos, sangrias, preparação dos partos, nascimento dos infantes, com a presença do comadrão e do médico, e a assistência, em outra câmara, da corte e dos embaixadores, até aos batizados, recuperação da parturiente, crescimento do primeiro filho, problemas com as amas, aparecimento dos primeiros dentes, brincadeiras e primeiras palavras, no caso do primogénito, já que os outros dois filhos pereceram ao fim de poucos dias, de tudo isto a correspondência familiar e a do embaixador de Portugal em Espanha dão amplas notícias<sup>92</sup>.

Após o nascimento do primogénito D. Pedro Carlos (18-06-1786 – 26-05-1812), D. Gabriel escreveu à sogra, no dia 18 de junho, comunicando o nascimento de “un niño muy sano y robusto”<sup>93</sup> e esclarecendo, em outra carta do mesmo dia, que “o parto fue bueno, fue muy largo y com dolores de cadenas tan fuertes y repetidas [...] estubo [a infanta] muy animosa sin hablar una palabra desde que la pusieron a parir y solo quando dio a luz la criatura dijo ‘ya salio’ [...] [o infante] esta con los ojos muy abiertos” e já mama<sup>94</sup>. No dia 21, voltou a escrever, lembrando que D. Mariana Vitória enviava muitas lembranças a todos<sup>95</sup>. D. Maria I, avó pela primeira vez, recebeu

<sup>87</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4455.

<sup>88</sup> Ibidem.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>91</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4455.

<sup>92</sup> Isabel Drumond Braga, “Nascer e criar na Corte espanhola do Antigo Regime: D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança”, in José Martínez Millán, Natalia González Heras (coord.), *De reinos a naciones: política e instituciones*, (Madrid: Polifemo, 2020) 227-259; Idem, “Gravidezes e partos da infanta D. Mariana Vitória de Bragança (1768-1788): entre ansiedade e conselhos maternos”, in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Rainhas, princesas e infantas: quotidiano, ritos e cerimónias na Península Ibérica (séculos XVI-XX)*, (Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2022) 179-211; Idem, *D. Pedro Carlos (1786-1812): um infante de Espanha em Portugal e no Brasil* (Lisboa: Temas e Debates, 2023).

<sup>93</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1c.

<sup>94</sup> Lisboa, BA, 54-V-9, n.º 1d.

<sup>95</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1e.

parabéns enviados pelos príncipes das Astúrias, Carlos<sup>96</sup> e Maria Luísa de Parma<sup>97</sup>, pela infanta D. Maria Josefa<sup>98</sup>, além de notícias frequentes e tranquilizadoras de Carlos III, que, logo no dia do nascimento, tal como o filho, lhe comunicou o acontecimento<sup>99</sup>.

Acerca dos dois partos seguintes, as notícias foram mais escassas, acabando a alegria inicial por se transformar em pesar. No dia do nascimento da infanta D. Maria Carlota (4-11-1787 – 6-11-1787), Carlos III escreveu a D. Maria I, informando-a que “quedan madre y hija en la mejor disposición possible”<sup>100</sup>. No dia seguinte, foi D. Gabriel que forneceu informações pormenorizadas a sua sogra, designadamente sobre o parto, realizado fora da cama, de apresentação pélvica, problema resolvido eficazmente pelo comadrão, “el parto, como Vuestra Magestad habrá sabido por el embajador, fue felicissimo pues aunque la criatura vino de pies, el comadron la ayudó perfectamente y así no estuvo mas que cinco minutos en la camilla, despues se fue, por su pie, a la cama. La noche há sido muy buena, pues la há dormido toda, el día ha sido igualmente muy bueno, la evacuación corresponde como debe, de modo que no puede ir mejor”<sup>101</sup>. Sobre a recém-nascida, D. Gabriel fez saber que “la chica está tambien muy buena y es muy bonita, se parece à su madre (no puedo decir más), esta noche ha tomado el pecho bastante bien, por ser la primera vez”<sup>102</sup>. A infanta faleceu pelas 6,40 horas de 6 de novembro. Desconhece-se se em resultado de lesões decorrentes do parto de apresentação pélvica ou de qualquer outro problema. Por carta de 9 de novembro, Carlos III avisou D. Maria I que, “Mariana que, todavia, no sabe la muerte de su hija aunque pueda sospecharla, se va recuperando muy bien y esperamos convalesca pronto”<sup>103</sup>. A infanta foi informada nesse mesmo dia, por D. Gabriel. Até então, este dissera-lhe que D. Maria Carlota estava muito mal. O embaixador esclareceu, “hoje lhe declarou ter falado, nova que Sua Alteza recebeu com a resignação própria da sua virtude, e da docilidade do seu génio”<sup>104</sup>.

O nascimento do terceiro filho de D. Gabriel e de D. Mariana Vitória, D. Carlos José (28-10-1788 – 9-11-1788) motivou igualmente troca de correspondência. Carlos III e D. Maria I foram comentando o desenrolar da gravidez. Em 10 de outubro de 1788, o monarca espanhol esclareceu a rainha de Portugal que “Mariana vino [de San Ildefonso para El Escorial] com toda la comodidad posible. Se acerca su parto, Dios le dé feliz como yo lo ruego por lo que la estimo y por la satisfacción que en ello há de tener Vuestra Magestad”<sup>105</sup>. Dias depois, em 27, Carlos III escreveu afetuosamente, “demonos reciprocamente la enorabuena pues nuestra amable Mariana acaba de dar a luz com toda felicidad un infante, a quien se administró inmediatamente el sagrado bautismo con los nombres que vera en la nota adjunta. Madre e hijo quedan

<sup>96</sup> Lisboa, BA, 54-V-21, n.º 1f.

<sup>97</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 7g.

<sup>98</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 5l.

<sup>99</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 12hh e Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 12ii.

<sup>100</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4455.

<sup>101</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1k.

<sup>102</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1k.

<sup>103</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4455.

<sup>104</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>105</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4385.

en toda la buena disposición que podemos desearles en su estado”<sup>106</sup>. No dia 31 de outubro, o infante recém-nascido começou a inspirar cuidado, segundo o conde de Floridablanca, “mama muy poco y considerandole de sumo riesgo se le há administrado la confirmación”<sup>107</sup>. No dizer do embaixador de Portugal, o recém-nascido “tornou esta tarde a não querer mamar e a deitar alguns raiozinhos de sangue pela boca”. Deram-lhe umas colheres de água com mel e outras de leite. A situação foi definida como de “grande cuidado”<sup>108</sup>. De tal modo que o patriarca das Índias lhe administrou, nesse mesmo dia [31 de outubro], o sacramento da confirmação, depois de se ter entendido que não sobreviveria<sup>109</sup>. Em 2 de novembro, o embaixador de Portugal fez saber que o recém-nascido estava melhor, “não tem deitado sangue, nem tido convulsão [...] tem mamado algumas vezes”<sup>110</sup>. Nessa mesma data, em Lisboa, segundo o encarregado de negócios espanhol, havia satisfação e alegria pelo nascimento do infante. A rainha mandou cantar um *Te Deum* e decretou três dias de gala que, por causa do luto rigoroso pela morte do príncipe D. José, foram de luto aliviado, prescindindo-se das luminárias<sup>111</sup>, ao mesmo tempo que a criança foi definida como “formoso e robusto infante”<sup>112</sup>. No dia 7, o conde de Floridablanca deu uma má notícia, embora acalentasse alguma esperança: o infante recém-nascido tinha varíola, “le han salido muchas y de la calidad de las de su madre, pero mama bien, toma el jarave que se le há dispuesto y por ahora sigue con regularidade”<sup>113</sup>. A criança faleceu em 9 de novembro, pelas 8,30 horas. O cadáver foi depositado no panteão familiar de El Escorial, com a solenidade adequada ao momento, no dia 11<sup>114</sup>. Dias depois, noticiava-se a morte de D. Carlos José, na *Gazeta de Lisboa*<sup>115</sup>.

Sobre problemas de saúde dos príncipes das Astúrias, foram escassas as notícias acerca do futuro Carlos IV e muito abundantes as que se relacionaram com as gravidezes de Maria Luísa. Como chamou a atenção Antonio Moral Roncal, Carlos III, que teve uma descendência significativa, empenhou-se em ter o maior número possível de netos nascidos em Espanha, uma vez que os seus filhos haviam vindo ao mundo na península itálica. Segundo as leis sucessórias de Filipe V (1683-1746), os reis de Espanha deveriam ser naturais do reino<sup>116</sup>. Carlos III só fora convertido em rei de Espanha, uma vez que Fernando VI e Bárbara de Bragança faleceram sem

---

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>108</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>109</sup> *Gaceta de Madrid*, n.º 91, 11 de novembro de 1788, pp. 731-732.

<sup>110</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>111</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>112</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 45, 7 de novembro de 1788 e *Gazeta de Lisboa*, n.º 47, 18 de novembro de 1788.

<sup>113</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>114</sup> Ibidem.

<sup>115</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 47, 18 de novembro de 1788.

<sup>116</sup> Antonio M. Moral Roncal, *El infante Carlos María Isidro: primer rey carlista. Biografía breve* (Madrid: Ediciones 19, 2017) 11; Antonio M. Moral Roncal, *El infante Francisco de Paula Borbón: biografía breve* (Madrid: Ediciones 19, 2018) 11.

descendência<sup>117</sup>. Portanto, a sucessão era relevante e deveria cumprir as determinações estabelecidas.

A vasta prole de Carlos IV e Maria Luísa de Parma, aparentemente 24 gravidezes, 14 partos e 10 abortos<sup>118</sup>, nunca impediu críticas à conduta da rainha, mormente pela historiografia do século XIX, tal como aconteceu com outras consortes régias de então<sup>119</sup>. Não obstante, a popularidade da princesa antes da subida ao trono de Carlos IV e nos seus primeiros tempos enquanto rainha de Espanha foi significativa<sup>120</sup>. As suas gravidezes iam sendo comentadas na correspondência. Ainda D. Mariana Vitória não havia chegado a Aranjuez, onde se encontrou com o marido pela primeira vez, já o futuro Carlos IV informava o infante D. João que a princesa “acaba de dar a luz un infante con todas las señales de sanidad y robustez. El parto há sido de los mas felices”<sup>121</sup>. Noticiava, assim, que acabara de ser pai do futuro Fernando VII, nascido no dia 14 de outubro de 1784<sup>122</sup>. Recebeu parabéns de D. Maria I, por carta de 23 desse mês<sup>123</sup>. Para Maria Luísa, a rainha foi mais eloquente, “estimei no meu coração o feliz sucesso com que Deus permitiu dar-lhe formoso infante, o que aumenta a segurança dessa monarquia e a consolação de Vossa Alteza”<sup>124</sup>. O infante D. João dirigiu-se a Carlos III, considerando que o nascimento o “encheu do maior prazer e alegria pelo muito que me interesse na multiplicada sucessão da real casa e trono de Vossa Majestade”<sup>125</sup>.

Pouco depois, o futuro rei de Espanha, por carta de 12 de novembro daquele ano, participou a D. Maria I o falecimento do filho Carlos Francisco (05-07-1783 – 11-11-1784) um dos gémeos<sup>126</sup>, desaparecido na véspera, “que me dexa com la grave pesadumbre que es natural”<sup>127</sup>. A rainha tentará consolar o príncipe, escrevendo: “ele estará logrando a boa aventurança”<sup>128</sup>. À princesa, afirmou: “o golpe que Deus foi servido acrescentar-lhe ao outro tão próximo levando para si o infante D. Carlos, seu

<sup>117</sup> Ricardo García Cárcel, Lluís Rourai Aulinas, “El reinado de Carlos III”, in de Ricardo García Cárcel (coord.), *Historia de España siglo XVIII: la España de los Borbones* (Madrid: Cátedra, 2002) 171.

<sup>118</sup> Teófanos Egido, *Carlos IV: biografía y gobiernos* (Madrid: Ediciones 19, 2015) 57; Pablo Vázquez Gestal, “«Dove dal nulla l'uomo s'innalza ai più sublimi onori». La Corte de Carlos IV y la reina María Luísa (1788-1808)”, in Luis Miguel Enciso Recio (coord.), *La Nación recobrada: la España de 1808 y Castilla y León* (Valladolid: Junta de Castilla y León, 2008) 37-53.

<sup>119</sup> Antonio Calvo Maturna, *María Luísa de Parma, reina de España, esclava del mito* (Granada: Editorial Universidad de Granada, 2020).

<sup>120</sup> Esponda de la Campa, “El paso de princesa de Asturias a reina de España...”, p. 34.

<sup>121</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>122</sup> A *Gazeta de Lisboa* dará a notícia, dias depois: “havendo a princesa das Astúrias cumprindo o termo da sua prenhez [...] deu à luz pelas nove e três quartos um belo e robusto infante”. Seguiu-se o batizado, um *Te Deum* e três dias de gala, com luminárias. *Gazeta de Lisboa*, n.º 43, 26 de outubro de 1784.

<sup>123</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

<sup>124</sup> Ibidem.

<sup>125</sup> Ibidem.

<sup>126</sup> O outro gémeo era Filipe Francisco (05-07-1783 – 18-10-1784).

<sup>127</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626. O nascimento dos gémeos havia sido noticiado na *Gazeta de Lisboa*. Ali se pode ler que, em 13 de julho de 1784, tinham tido início os festejos públicos, que duraram três dias, os quais contaram com carros triunfantes, danças e iluminações. As festas foram entendidas como possuidoras de “todo o esplendor, grandeza e boa ordem”. *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 30, 30 de julho de 1784.

<sup>128</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 2626.

querido filho, a consolação que há nesta ocasião é a lembrança de ser a vontade de Deus e que ele está gozando a maior felicidade”<sup>129</sup>. Já o infante D. João escreveu a Carlos III, assegurando-lhe que “acompanho Vossa Majestade no sentimento da morte do infante D. Carlos meu primo. A posse das felicidades eternas, para que Deus o chamou em uma idade própria para lhas assegurar é o motivo mais eficaz que posso ter para consolar Vossa Majestade na perda de um sucessor das suas virtudes e do trono dessa monarquia”<sup>130</sup>. À princesa das Astúrias, pediu resignação pelas divinas disposições e afirmou-se “sumamente magoado”<sup>131</sup>. Dias depois, era a vez de Maria Luísa agradecer o carinho do genro, “del mucho que há sentido mi segunda desgracia [...] quedo muy agradecida a las tiernas experiencias que com este motivo le devo”<sup>132</sup>, ao mesmo tempo que referiu a segunda perda, o outro gémeo, que havia perecido, em 18 de outubro, apenas quatro dias após o nascimento de Fernando. Em 15 de julho de 1785, era Maria Josefa, que informava D. Maria I da situação da princesa das Astúrias, “se halla muy mejorada de la indisposición que Vuestra Magestad sabe”<sup>133</sup>, referindo-se, eventualmente, à recuperação após algum aborto. O infante D. João não deixou de escrever ao sogro sobre o “infeliz sucesso da senhora princesa”<sup>134</sup>. Logo em janeiro de 1786, o embaixador de Portugal, em carta a Martinho de Melo e Castro, fez saber que se suspeitava de uma gravidez da princesa, porque “sentiu alguma indisposição que a obrigou a usar do remédio da sangria”<sup>135</sup>. Dias depois, a situação havia piorado, Maria Luísa, que estava no palácio de El Pardo, não saía da cama, “por motivo do mau sucesso”, provavelmente um dos seus abortos<sup>136</sup>. De qualquer modo, a recuperação foi rápida.

Quando D. Mariana Vitória teve o seu primeiro filho, a cunhada estava de novo grávida<sup>137</sup>. Dias depois, em 24 de junho, os príncipes das Astúrias temiam problemas com os seus descendentes. Segundo o embaixador, estavam “bastantemente temerosos por conta da estação, pelo risco que correm seus filhos”<sup>138</sup> e também, “se por acaso, de que Deus nos libre”, tivesse a princesa algum mau sucesso que dilatasse a retirada”<sup>139</sup>. Em meados do mês seguinte, tudo se complicou para Maria Luísa. Estava em Madrid, quando se começaram a evidenciar “alguns sinais que indicam novo mau sucesso [...] a experiência de dois outros consecutivos fazem reechar o mesmo dissabor”<sup>140</sup>. Durante todo o mês de agosto, a situação não se clarificou. Segundo o marquês do Lourical, “o estado de Sua Alteza, a princesa das Astúrias, não deixa de inquietar, porque o mau sucesso não se verifica nem há fundamento para que se espere um bom, é muito para

---

<sup>129</sup> Ibidem.

<sup>130</sup> Ibidem.

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> Ibidem.

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> Ibidem.

<sup>135</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Ibidem.

<sup>138</sup> Nesta data, estavam vivos, D. Carlota Joaquina, já a viver na corte portuguesa; Maria Amália (1779-1798), Maria Luísa (1782-1824) e Fernando (1784-1833).

<sup>139</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>140</sup> Ibidem.

recear alguma interna enfermidade”<sup>141</sup>. Estes problemas levaram à convocação de uma junta composta por seis médicos – entre eles, o português João Pereira, “que aqui tem grande reputação, e quanto a mim bem merecida, pela experiência que dele tenho em minha casa. É um dos que assistiu ao conde de Floridablanca” – e três comadrões, segundo o embaixador de Portugal<sup>142</sup>. As nove pessoas não tinham conseguido concluir “se a criatura estava viva ou morta, porém, que convinha para qualquer das coisas que Sua Alteza tomasse o ar e que saísse em coche muito devagar e desse passeios curtos, não deixando de parecer extraordinário que, no quinto mês, porque em tantos se acha Sua Alteza, não percebam a sua situação. Foram ouvidos outros dois médicos de câmara, que aqui se acham e todos conformes que obre a natureza”<sup>143</sup>. A princesa seguiu os conselhos da junta médica, a que se juntaram cuidados com o único filho que tinha junto de si, o príncipe Fernando, quem em meados de setembro, “não andando bem há muitos dias, ontem lhe sobreveio alguma febre”<sup>144</sup>.

Durante todo o mês de setembro de 1786, as situações clínicas de Maria Luísa e Fernando inspiraram cuidados. A princesa das Astúrias continuava em Madrid, sem abortar, e temia-se que o filho seguisse “o mesmo caminho de seus irmãos, vendo-se que enganou até agora a sua robustez”, segundo o marquês do Louriçal, em 25 de setembro. No final do mês, Maria Luísa, que não tinha acompanhado a corte na ida a San Ildefonso, deslocou-se, com o filho, para El Escorial, na esperança de que “esta mudança possa ser favorável ao restabelecimento”, uma vez que este continuava “em estado delicado”<sup>145</sup>. No mês de outubro, as atenções do embaixador recaíram sobre a falta de saúde do primogénito, que apresentava uma “inchação universal”, segundo carta do dia 13. Quatro dias depois, continuava inchado e com febre “que cresce um dia sim outro não, toma quina pela boca e em mezinhas, receia-se outra enfermidade semelhante à que neste sítio padeceu o ano passado e também se teme não possa resistir”<sup>146</sup>. Em 27, foi o facto de ter vomitado que mereceu menção, enquanto no dia 31, os médicos colocaram a hipótese de padecer de “terças dobles”, diagnóstico que veio a ser descartado, no princípio de novembro. Em 9 desse mês, a febre e os vômitos continuavam. Temia-se um desfecho fatal, em meados do mês: “o senhor infante D. Fernando continua a dar cuidado, a febre não se extingue, está extenuado de carnes e de forças, a inchação com que veio de San Ildefonso, depois de se ter abatido, se tem renovado e desaparecido, tudo assusta, e um dos médicos, que é o que está assistindo a marquesa do Louriçal, acaba de me assegurar as poucas esperanças que tem da sua conservação”<sup>147</sup>. O restabelecimento chegou em dezembro, com a criança a engordar. No dia 12, já havia saído e adquirido mais robustez<sup>148</sup>.

---

<sup>141</sup> Ibidem.

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> Ibidem.

<sup>144</sup> Ibidem.

<sup>145</sup> Ibidem.

<sup>146</sup> Ibidem.

<sup>147</sup> Ibidem.

<sup>148</sup> Ibidem.

Neste espaço de tempo, a saúde de Maria Luísa ficou em segundo plano. Em 24 de outubro de 1786, ainda tinha um ventre volumoso<sup>149</sup>, enquanto em 3 de novembro, segundo o embaixador de Portugal, “não se pode formar juízo certo sobre o seu estado, pretendem que exista internamente o mesmo corpo estranho e que não seja criatura animada, o vulto não aumentou nem diminuiu, o semblante é bom, come e dorme bem e anda a pé que poucos a podem acompanhar”<sup>150</sup>. Em 9 de dezembro, data do seu aniversário, segundo o marquês do Louriçal, a princesa estava restabelecida, sem “moléstia alguma”<sup>151</sup>. Porém, em carta datada de Madrid, em 29 do mesmo mês, apesar do semblante bom e alegre, Maria Luísa vivera dificuldades, dias antes. Sentira dores, que ignorou, mas “acabou o mau parto principiado há tantos meses, e como nestas ocasiões, e outras semelhantes, os lisonjeiros costumam pôr em prática aquela péssima arte, viram em uma simples mola [mola hidatiforme] tudo o que podia lisonjar a Sua Alteza, que na realidade não era mais do que uma mola como eu vi ontem à noite junto da câmara desta senhora que me fez a honra de me mandar entrar na sua câmara e permitir lhe fizesse a corte algum tempo”<sup>152</sup>. Perante esta descrição, poderemos colocar a hipótese de Maria Luísa de Parma ter padecido de doença trofoblástica gestacional, isto é, um distúrbio em que a placenta e o feto não se desenvolveram. Mesmo sem tratamento, o corpo eliminou as células anormais, permitindo à futura rainha viver e gerar de novo. Haviam-se passado cerca de nove meses após ter engravidado e mais de quatro a seguir aos primeiros sintomas do problema<sup>153</sup>. D. Maria I comentará esta situação, em carta dirigida à filha, datada de 5 de janeiro de 1787, “o que me dizes da princesa é coisa célebre o que deitou, depois de tanto tempo, ainda que não percebo bem o que é”<sup>154</sup>. Apesar da gravidade da situação, no final de março de 1788, nasceu o infante Carlos Maria Isidro (29-03-1788 – 10-03-1855). Segundo o embaixador de Portugal, a criança “mostrou muita robustez e continua a passar bem”<sup>155</sup>.

A condição física dos netos de Carlos III, mormente dos filhos dos príncipes das Astúrias, foi frequentemente objeto de atenção e notícia. Porém, foi Fernando, o herdeiro do trono, que mais atenção suscitou<sup>156</sup>. O príncipe, então o único descendente masculino vivo, contava, em junho de 1786, quase dois anos. Segundo o marquês do Louriçal, havia mudado várias vezes de ama e, à última, “mordeu de tal forma os peitos à que tinha havia oito dias, que ficou impossibilitada de continuar a sua criação e se tomou o expediente de procurar desmamá-lo não só pelas razões acima referidas, como por já ter todos os dentes e porque aquela espécie de frenesim é semelhante ao que teve antes da grave enfermidade que padeceu no sítio de El Escorial.

---

<sup>149</sup> Ibidem.

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Ibidem.

<sup>153</sup> Esponda de la Campa, “El paso de princesa de Asturias...

<sup>154</sup> Lázaro, *Com o mais fino...*, p. 317.

<sup>155</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>156</sup> Esponda de la Campa, “El paso de princesa de Asturias a reina de España...”, pp. 37-42.

Tem descaído muito e as carnes estão bastantemente frouxas, disposições que assustam com fundamento a seus augustos pais e avô<sup>157</sup>.

A criança chegará a ficar longe da restante família, no intuito de se restabelecer em localidades consideradas mais benignas para a saúde. Assim aconteceu, em janeiro de 1787, quando permaneceu em Madrid, com a mãe, que se restabelecia, porque “visivelmente se conhece ser-lhe mais útil o ar desta vila, que o dos quatro sítios onde a corte costuma residir”<sup>158</sup>. D. Mariana Vitória visitava a princesa e o filho duas vezes por semana, deslocando-se a partir de El Pardo<sup>159</sup>, enquanto o príncipe das Astúrias passava o dia em El Pardo, com o pai, e a noite, com a mulher, em Madrid. No final de agosto, Fernando apresentava febre e inchaço, estando na capital, longe dos pais e do avô<sup>160</sup>. No início de setembro, estava recuperado. Em 11 de janeiro de 1788, quer Fernando quer a irmã, Maria Amália (09-01-1779 – 22-07-1798), passavam alguns incômodos, mas “não com moléstia maior”<sup>161</sup>. Uma semana depois, o primeiro encontrava-se “com pior cor e mais abatido, não creio que lhe façam remédio maior porque naquela idade se deve esperar tudo da natureza”<sup>162</sup>, afirmava o embaixador. Enquanto Maria Amália melhorava, Fernando continuava enfermo. O embaixador de Portugal, não poupou pormenores, afirmando que o príncipe tinha, “segundo dizem, o sangue muito escorbútico, tem repetidas vezes grandes doenças e ainda que até aqui tem escapado como sempre conserva a mesma qualidade de sangue, receiam muito os médicos a conservação da sua vida, a senhora infanta D. Maria Amália tem também saúde muito delicada e ainda que está alegre e come com vontade, conserva sempre a mesma cor de icterícia”<sup>163</sup>.

Em 6 de fevereiro de 1788, considerava o embaixador de Portugal que o príncipe Fernando não sobreviveria, “hoje me asseguraram ter passado de modo que não seja possível escapar [...] a qualidade do sangue de Sua Alteza era tal que a sua vida não poderá ser de duração”<sup>164</sup>. Estava enganado. Em 26, já estava “alguma coisa melhor”, o que foi atribuído ao consumo de leite de burra, “como Sua Alteza tomava este remédio com gosto e o estomago o recebia bem, esperavam os médicos que, com a continuação, receberia Sua Alteza a melhoria que todos desejamos”<sup>165</sup>. Apesar dos prognósticos, ao príncipe das Astúrias foi-lhe estabelecida casa em agosto de 1789, tendo como mordomo-mor o marquês de Santa Cruz<sup>166</sup>.

A saúde de Carlos III era boa. Pequenos problemas de saúde não o impediam de sair e andar a cavalo, mesmo que o tempo não fosse o melhor. Antes do nascimento de D. Pedro Carlos, tivera catarro, “pela pouca cautela que põe em o curar”<sup>167</sup>. Estava-se em 26 de março de 1786. Menos de um ano depois, em 19 de janeiro de 1787, o

<sup>157</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>158</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> Ibidem.

<sup>161</sup> Ibidem.

<sup>162</sup> Ibidem.

<sup>163</sup> Ibidem.

<sup>164</sup> Ibidem.

<sup>165</sup> Ibidem.

<sup>166</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 638.

<sup>167</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

marquês do Louriçal escrevia a Martinho de Melo e Castro que Carlos III estava melhor de certo defluxo e que saía “sem se guardar do rigoroso tempo que experimentamos, indo todos os dias ao campo com a mesma regularidade”<sup>168</sup>. Três dias antes, ainda tinha tosse e rouquidão<sup>169</sup>. Neste princípio de ano, não era o único a sofrer de algum incómodo, segundo o mesmo embaixador, em carta de 12 de janeiro. Para o beija-mão, que teria lugar no palácio de Madrid, por ocasião do aniversário do monarca, “Sua Majestade Católica está com menos defluxo, a princesa [Maria Luísa], se vai restabelecendo, o infante D. Fernando, adquirindo mais forças e melhor cor, e a senhora infanta Amália, livre de febre com que veio do Pardo, e a senhora infanta D. Mariana com perfeitíssima saúde”<sup>170</sup>. Não obstante, nos últimos dias do mês, Carlos III ainda sofria de “grande catarro”<sup>171</sup>. Em meados de julho, o rei padecera de diarreia e “ânsias de estomago”, o que não o impediu de caçar diariamente<sup>172</sup>.

## 2.5. Morte

Durante o casamento de D. Mariana Vitória e D. Gabriel faleceram D. Pedro III e o príncipe herdeiro D. José, dois familiares próximos da infanta. A morte do pai, ocorrida no final da primeira gravidez, foi ocultada durante algum tempo. Em 23 de maio de 1786, o marquês do Louriçal informou a corte de Lisboa da ordem que lhe fora dada por Carlos III, no sentido de o embaixador consultar o médico e o comadrão, para apurar quando se deveria dar a notícia à infanta<sup>173</sup>. Em 7 de julho de 1786, Carlos III comunicou ao embaixador que era preferível esperar 40 dias após o parto para dar a notícia da morte do pai a D. Mariana Vitória<sup>174</sup>. Dias depois, insistiu em só a informar quando a corte se achasse em San Ildefonso, “por conta de não padecer o seu ânimo em uma jornada de 14 léguas, e caminhos desastrosos”<sup>175</sup>. Só quando se completaram dois meses da morte de D. Pedro III, lhe foi dada a notícia. Já havia passado cerca de mês e meio desde o nascimento do filho.

Durante a terceira gestação de D. Mariana Vitória, faleceu o príncipe D. José, irmão mais velho da infanta. Quer a família real quer os embaixadores, trocaram impressões sobre a doença e morte do herdeiro da coroa, começando por ocultar a situação à grávida. Em 4 de setembro de 1788, D. Maria I informou Carlos III da doença do filho, que, então, não parecia preocupante. O príncipe começara por apresentar sintomas de desconforto num domingo, “alguma leve indisposição, na segunda-feira seguinte, 2 do corrente, se lhe declararão bexigas, mas de melhor qualidade e vão como se pode desejar, espero em Deus nos continuara este benefício. Eu por ora não o mando dizer a Mariana receando que se assuste, atendendo ao estado

<sup>168</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>169</sup> Ibidem.

<sup>170</sup> Ibidem.

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> Ibidem.

<sup>173</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636.

<sup>174</sup> Ibidem.

<sup>175</sup> Lázaro, *Com o mais...*, pp. 250-253, 256, 259, 261, 264.

em que se acha”<sup>176</sup>. No dia 9, segundo a rainha de Portugal, a situação ainda parecia estar controlada, “o príncipe meu querido filho vai continuando bem com as bexigas sem embargo de serem muitas, mas sem sintomas que deem cuidado e só o que pede esta moléstia, o que asseveram os médicos que lhe assistem”<sup>177</sup>. Em 12 de setembro, Carlos III respondeu, com cautela, prevendo o pior:

dexandome la ultima [carta] sumamente cuidadoso por la noticia que Vuestra Magestad me dá de haberse declarado viruelas la indisposición que sintió el domingo anterior mi amado sobrinho el príncipe del Brasil. Aunque Vuestra Magestad me dice que son de buena especie, siendo un mal muy traydor, viveré receloso hasta que Vuestra Magestad me diga que se halla libre de la grande inquietude en que la tendran los primeros dias de riesgo<sup>178</sup>.

A carta de D. Maria I para o tio, datada de 13 de setembro, já conteve a notícia do falecimento:

mudou tudo de tal modo que aumentando-se a moléstia o viemos a perder repentinamente no dia 11 deste mês. Pode Vossa Majestade supor qual será a nossa mágoa com este triste sucesso e a minha faltando-me um filho que tanto amava e em quem todos conheciam as suas boas qualidades, mas foi Deus assim servido e não há mais que conformar com a sua santíssima vontade que assim o permitiu. Eu, por ora, deixo de referir esta notícia a Mariana enquanto o meu embaixador não ajustar com Vossa Majestade o que se há de fazer<sup>179</sup>.

A correspondência diplomática fez igualmente circular as pertinentes informações sobre a doença e morte do herdeiro da coroa. Segundo, o encarregado de negócios espanhol, José Caamaño, em carta de 4 de setembro:

[D. José] se sintio incomodado al domingo por la noche 31 del pasado, le sobrevino calentura com vómitos, dolores de cabeza y otros sintomas que ya saben algunos, indicio de viruellas. El lunes, continuo la fiebre, el martes tomo Su Alteza un ligero vomitivo, produjo buen efecto y siguió la calentura aunque mas baxa. Ayer se manifestaran claramente las viruelas com todas las aparências de buena calidad. Dicen que ya tenia bastantes en las espaldas<sup>180</sup>.

No dia 7, apesar dos médicos estarem confiantes, as *viruelas*, isto é, varíola, continuavam a manifestar-se com força, de tal modo que o príncipe estava fatigado e muito incomodado. Apresentava febre alta e as preocupações continuavam. O diplomata fez notar que D. José tinha 27 anos, era obeso, comia demasiado, tendo predileção por alimentos de “sobrada sustância”<sup>181</sup>. Acabou por falecer, no dia 11 de

---

<sup>176</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4385.

<sup>177</sup> Ibidem.

<sup>178</sup> Ibidem.

<sup>179</sup> Ibidem.

<sup>180</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>181</sup> Ibidem.

setembro, como se referiu<sup>182</sup>. A corte espanhola tomou luto por quatro semanas, as casas de D. Mariana Vitória e de D. Gabriel por três meses e o quarto do infante D. Pedro Carlos por quatro semanas<sup>183</sup>.

O príncipe Carlos enviou os pêsames a D. Maria I, em 18 de setembro:

Las notórias prendas que adornaban a mi estimado sobrino el príncipe del Brasil bastarian para que me fuese mui sensible su fallecimiento ¿Que será mediando tantas conexiones, y sobre todo siendo hijo de Vuestra Magestad a quien amo y venero, deseando sempre verla libre aun de los mismos disgustos? Ruego a Nuestro Señor mitigue la pena com que Vuestra Magestad se halla y que en cambio le conceda otras satisfacciones<sup>184</sup>.

A carta de Maria Luísa mostra muita empatia, uma vez que a princesa havia já perdido vários filhos, “Quien tan repetidamente como yo há experimentado el dolor da la perdida de hijos, sabe quan grande es y no puede menos de acompañar a Vuestra Magestad en el que la causa el fallecimiento de mi estimado sobrino el príncipe del Brasil. Considero lo traspasado que se hallara el tierno corazon de Vuestra Magestad pero tambien me hago cargo de su virtud y constancia”<sup>185</sup>. Por seu lado, Maria Josefa escreveu: “No molestaré a Vuestra Magestad con muchas palabras, y me contentare com asegurarla que la acompaño en su dolor por el falecimiento de su amado hijo y mi sobrino el principe del Brasil y que pido a Dios conceda a Vuestra Magestad el consuelo que necessita para tolerar tan sensible golpe”<sup>186</sup>. No dia 19, foi a vez de Carlos III enviar pêsames:

Desde la primera noticia que tuvo de las viruelas de mi querido sobrino el príncipe del Brasil entré en todo el cuidado que en su edad y robustez debia causarme una enfermedad tan traydora, y se me aumento hasta lo sumo pesadumbre quando supe su fallecimiento, por considerar la aflicción en que Vuestra Magestad estaria con la perdida de su hijo primogénito que tanto amaba, y que por sus dignas calidades era acrehedor a que todos le deseasen larga vida<sup>187</sup>.

O rei ainda expressou votos para que D. Maria I tivesse ânimo para superar o duro golpe e acrescentou “a la pobre Mariana procuraremos irlle dando la noticia com toda la discricion posible atendiendo al estado en que se halla”<sup>188</sup>. D. Gabriel, nesse mesmo dia, também escreveu à sogra, “en la triste ocasión del temprano fallecimiento de mi amado primo y hermano el principe del Brasil, que me há causado la pena correspondiente al sincero cariño que le profesaba”. Acrescentou que não deu a notícia

---

<sup>182</sup> *Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 37, 13 de setembro de 1788; *Gazeta de Lisboa*, n.º 38, 16 de setembro de 1788 e *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 38, 19 de setembro de 1788.

<sup>183</sup> Madrid, AGP, Reinado de Carlos III, leg. 210.

<sup>184</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>185</sup> *Ibidem*.

<sup>186</sup> *Ibidem*.

<sup>187</sup> *Ibidem*.

<sup>188</sup> *Ibidem*.

a D. Mariana Vitória, pelas “precauciones correspondientes a su estado”<sup>189</sup>. Porém, ao contrário do que aconteceu durante a primeira gestação da infanta, em que se lhe ocultou a morte do pai, desta vez, comunicou-se-lhe o desaparecimento do irmão mais velho. A rainha de Portugal agradeceu as cartas de pêsames, em 29 de setembro.

Após o nascimento do infante Carlos José, e ainda antes do falecimento deste, D. Mariana Vitória manifestou sinais de doença. Inicialmente, o conde de Floridablanca informou José Caamaño que, “ahora que son las once de la noche, puedo assegurar a Vuestra Señoría que madre y hijo continúan sin particular novedad”<sup>190</sup>. Mas, no final da carta, fez referência à febre e às dores sentidas por D. Mariana Vitória, as quais tinham motivado a convocação de uma junta médica, fazendo-se sentir apreensão, temor e cuidado<sup>191</sup>. No dia 30 de outubro, a referida junta, composta por seis médicos e dois comadrões, decidiu que se deveria dar o viático à infanta, não se entendendo acerca do diagnóstico, “sarapion, alfombrilla, viruelas o fiebre pútrida petechial por unas pintas o manchas que le han salido”<sup>192</sup>. Temia-se um mau desfecho. No dia seguinte, alguém concluiu que D. Mariana Vitória sofria de *viruelas*, mas que não seriam malignas<sup>193</sup>.

O terceiro parto terá sido provavelmente o mais difícil de D. Mariana Vitória. A infanta teve 48 horas de dores, alguma febre e “alguma perturbação de cabeça”, foi sangrada e tomou “um calmante”<sup>194</sup>. O marido esteve sempre junto do seu leito. Na ocasião, de Portugal, Miquelina, aia de D. Carlota Joaquina, informou a princesa das Astúrias acerca do contentamento que reinava, contudo, em paralelo com muitas preocupações em resultado de se saber que a infanta tinha *viruelas*<sup>195</sup>. Efetivamente, em 31 de outubro, ainda se esperava que as bexigas fossem “de boa qualidade”, depois de, inicialmente, se ter pensado que era “fogagem”, isto é, erupção cutânea, causada pela febre alta. Nessa data, o embaixador de Portugal fez saber que a infanta tinha dores de garganta<sup>196</sup>, enquanto D. Maria I foi informada, por Carlos III, que “desde el punto que se descubrió en Mariana un poco de calentura estoy en continuo sobresalto. Se que Vuestra Magestad se halla informada pontualmente de todo lo acaescido despues y no lo quiero repetir, pero debo assegurar a Vuestra Magestad que, sin embargo de la gran pesadumbre en que estamos, acompañamos a Gabriel que se halla sumamente afligido”<sup>197</sup>. E, mais à frente, enfatizou, “no habrá medio humano que no se procure usar para sacarla de este peligro pero sobre todo yo lo pongo en manos de Dios, y me resigno en su santíssima voluntad, como sin duda hará Vuestra Magestad segun la religión y virtud de que se halla dotada”<sup>198</sup>. A rainha agradeceu ao tio, em carta de 2 de novembro de 1788, afirmando conhecer a situação pelo embaixador e ter a certeza de

<sup>189</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1r.

<sup>190</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>191</sup> Ibidem.

<sup>192</sup> Ibidem.

<sup>193</sup> Ibidem.

<sup>194</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>195</sup> Alice Lázaro, *La Menina: retrato de D. Carlota Joaquina nas cartas familiares: viagem ao interior da Corte portuguesa 1785-1790* (Lisboa: Chiado Editora, 2011) 387.

<sup>196</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>197</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4385.

<sup>198</sup> Ibidem.

que o rei tudo faria para a salvar “Vuestra Magestad que há de procurar todos os meios para a livrar do perigo em que se acha”<sup>199</sup>, em carta de 6 de novembro. Entretanto, já D. Mariana Vitória falecera. Antes, o conde de Floridablanca, por missiva de 4 de novembro, referiu que o estado de saúde de D. Mariana Vitória agravara-se, fora-lhe administrada a extrema unção ao amanhecer e falecera às 8,30h. As cerimónias de gala e beija-mão foram canceladas. De Lisboa, no dia seguinte, José Caamaño referia que perante a notícia de varíola, “la reyna queda con la aflicción que Vuesta Excelencia puede discurrir y manifesta tener muy poca o ninguna esperanza”<sup>200</sup>.

Poucos dias após o terceiro parto, em 2 de novembro de 1788, D. Mariana Vitória faleceu vítima de varíola. A jovem mãe foi sepultada depois de anoitecer. No dia 5 de novembro, deu-se início a um período de luto na corte, por três meses, o primeiro dos quais rigoroso. A casa do viúvo conheceu nojo por seis meses, os três últimos de luto aliviado<sup>201</sup>. D. Gabriel ficou, compreensivelmente, “como se pode imaginar em tão lastimoso e fatal sucesso”<sup>202</sup>, nas palavras do embaixador de Portugal, em carta de 4 de novembro de 1788. Nesse mesmo dia, o infante escreveu a sua sogra palavras emocionadas:

En que ocasión tan triste y amarga para mi he recibido de Vuestra Magestad del 27 del passado llena de cariño y de expresiones tan tiernas que de nuevo me han trespassado mi corazón. Quanto habla que hacer en lo humano temos hecho para salvar la preciosa vida de mi adorable Mariana y yo he procurado cumplir hasta la ultima hora con lo que correspondia a la extremada ternura com que nos amabamos, pero como era un angel, el Señor de todo há dispuesto anticiparla el destino que la havia preparado. Jamas olvidaré el dichoso tiempo que hemos vivido unidos, y para tenerla sempre en mi presencia me quedan estas criaturas que son un retrato suyo. Quando lleguen a saber lo que significa el nombre de madre tendrán a Vuestra Magestad en lugar de la que han perdido<sup>203</sup>.

Em Portugal, a notícia foi recebida com expetável pesar. Face à morte de D. Mariana Vitória, “toda la real familia y sobretodo el principe su hermano lo sienten a proporcion de lo que amaban a la señora infante”<sup>204</sup>. A rainha retirou-se por oito dias e foi decretado luto por seis meses, os primeiros três deles de luto rigoroso. Como era habitual, seguiram-se as cartas de pêsames. Os príncipes das Astúrias referiram, respetivamente, a “desgracia que nos há sucedido [...] ni intento dar a Vuestra Magestad consuelos quando ciertamente los he menester para mi” e “la gran perdida”<sup>205</sup>. Maria Josefa escreveu a D. Maria I, dias depois, desculpando-se por não o

<sup>199</sup> Ibidem.

<sup>200</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>201</sup> Madrid, AGP, Reinado de Carlos III, leg. 210. *Gaceta de Madrid*, n.º 90, 7 de novembro de 1788, pp. 723-724. Na *Gazeta de Lisboa*, a primeira notícia foi muito sucinta, enquanto a segunda deu alguns pormenores. Cf. *Gazeta de Lisboa*, n.º 46 11 de novembro de 1788 e *Gazeta de Lisboa*, n.º 47, 18 de novembro de 1788.

<sup>202</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>203</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 1t; Madrid, AHN, Estado, leg. 4455.

<sup>204</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>205</sup> Ibidem.

ter feito antes, “no tuvo valor para escribir a Vuestra Magestad el dia pasado por que no estaba en mi, ni hallaba palabras conforme a mi sentimiento, difiniendole para hoy, pero todavia casi me sucede lo mismo. La desgracia que nos há sobrevenido es irreparable. Dios de a Vuestra Magestad y a todos la tolerancia que necessitamos y conserve su salud sin embargo de tan terribles golpes”<sup>206</sup>. De acordo com a etiqueta, seguiram-se as cartas de agradecimento da rainha.

Em breve, iriam ocorrer mais dois falecimentos, deixando D. Pedro Carlos, o pequeno infante, mais desamparado na corte. Primeiro, seria o do pai e, em seguida, o do avô. Em 14 de novembro, Carlos III informou D. Maria I que “despues de la desgracia del nietecito Carlos José, me hallo com el nuevo disgusto de que Gabriel está indispueto desde ayer, sin que, todavia, sepamos en que vendrá a parar. Dios quiera que no se verifiquen mis temores”<sup>207</sup>. Nessa mesma data, o conde de Floridablanca fez saber a José Caamaño, que “aqui nos hallamos en nuevo cuidado”, uma vez que na antevéspera havia adoecido o infante, de varíola, embora ainda se desconhecesse a gravidade da situação<sup>208</sup>. Em 18 de novembro, o doente “sigue com regularid”, mas tem muitas *viruelas*<sup>209</sup>. No dia seguinte, a situação era muito preocupante. Segundo o embaixador de Portugal, D. Gabriel pedira que lhe fossem administrados os últimos sacramentos, pelas 3,30 horas, enquanto os médicos o medicaram com tintura de quina e ópio<sup>210</sup>. Em Lisboa, a família real mostrava-se apreensiva<sup>211</sup>. Por esses dias, o monarca espanhol expressou a sua preocupação crescente, “Las viruelas de Gabriel son muchas y malas, va corriendo sus términos sempre com riesgo, pero segun los médicos aseguran, sin irregularidad todavia. Dios quiera que continúe asi. Luego que se descubrieron estas viruelas envié a todos los chicos a Madrid, donde se mantienen buenos”<sup>212</sup>. D. Maria I mostrou-se inquieta com a saúde do genro, em 28 de novembro<sup>213</sup>. Já, então, havia falecido. Não obstante, no dia 21, o conde de Floridablanca acreditava que havia esperança<sup>214</sup>. Sem resultado, pois, em 23, “passou a melhor vida”, às 12,30 horas<sup>215</sup>.

D. Diogo de Noronha escreveu, provavelmente ao marquês de Ponte de Lima, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, nos últimos dias de novembro, informando-o que D. Gabriel falecera. Acordara com “grande tosse e muita dor de cabeça”, às 10 horas o diplomata fora informado que estava “muito mal” e se ungiu e às 11 horas “entrou em agonia e dali a três quartos de hora expirou”<sup>216</sup>. O embaixador de Portugal ainda comentou, que “o senhor infante pelo que toca ao espiritual que é o principal sempre tinha tido uma vida exemplar” e assim foi igualmente a sua morte, acrescentando que se ignorava se deixara alguma disposição,

<sup>206</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 5p.

<sup>207</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>208</sup> Ibidem.

<sup>209</sup> Ibidem.

<sup>210</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>211</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>212</sup> Ibidem.

<sup>213</sup> Ibidem.

<sup>214</sup> Ibidem.

<sup>215</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637 e Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>216</sup> Lisboa, BA, 54-XI-39, n.º 78.

o que era natural tendo um filho e criados, considerando ainda ser provável que alguns transitassem para o quarto de D. Pedro Carlos<sup>217</sup>. Esta nova morte<sup>218</sup>, levou ao envio de pêsames de D. Maria I e do príncipe D. João, para Carlos III, para os príncipes de Astúrias e outros. O rei de Espanha comunicou a D. Maria I a morte do filho, o amparo do neto e dos servidores de D. Mariana Vitória de D. Gabriel:

ya no tengo corazon para hablar a Vuestra Magestad de nuestras desgracias. Resignamonos en la voluntad de Dios y pidamosle nos dé fuerzas para sufrirlas. Solo diré a Vuestra Magestad que por lo que toca a nuestro nietecito Pedro viva tranquila, pues yo le cuidaré y viveré como corresponde y me lo dita su orfandade y el singular amor que sempre le he tenido y se há acrescentado ahora, y enquanto a las dos familias de los defuntos quedan baxo mi amparo, habiendo ya dispuesto se les conserven los honores, graduaciones y sueldos que gozaban<sup>219</sup>.

O desaparecimento de D. Gabriel, tal como o amparo dos servidores de D. Mariana Vitória, foi também comunicado por D. Diogo de Noronha ao arcebispo inquisidor geral, D. frei Inácio de São Caetano. Na mesma missiva, datada de 25 de novembro de 1788, foi referido que D. Pedro Carlos era o herdeiro universal do recém-falecido infante<sup>220</sup>. Nos dias seguintes, pouco antes do falecimento de Carlos III, o monarca e D. Maria I trocaram diversas cartas. Em 28 de novembro, o rei de Espanha informava a rainha de Portugal acerca da saúde dos netos D. Pedro Carlos e Fernando, e da nora, Maria Luísa<sup>221</sup>. D. Maria I, no dia seguinte, portanto, antes de conhecer o teor da missiva referida, agradeceu as notícias sobre o neto e referiu os desgostos recentes, isto é, a morte do genro e a do confessor, D. frei Inácio de São Caetano, alguém que lhe era próximo e em quem confiava<sup>222</sup>. Viviam-se momentos de pesar nas duas casas reais. A infanta Maria Josefa, perante a morte do irmão, poucos dias após o desaparecimento da cunhada, considerou, em carta datada de 28 de novembro, para a rainha de Portugal, que “la tribulación en que me hallo por nuestra ultima perdida me disculparia si dexase de hablar de ella a Vuestra Magestad para quien será no menos dolorosa que para mi. El único consuelo que podemos tener en consider que esta há sido la voluntad de Dios y que a ambos esposos los tendrá en su santa gloria. Asi lo espero de sus piedades”<sup>223</sup>.

No final de 1788, segundo o embaixador de Portugal, Carlos III teve um grande defluxo e febre, nos primeiros dias de dezembro. Se no domingo esteve acamado e fez dieta, na terça-feira foi caçar”. Em 9, voltou a não deixar o leito, foi-lhe prescrita dieta rigorosa e chá de flores cordiais. O embaixador reiterou o diagnóstico de defluxo. Carlos III acabaria por falecer sacramentado, às 00 horas e trinta minutos

<sup>217</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>218</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 48, 25 de novembro de 1788, *Gazeta de Lisboa*, n.º 49, 2 de dezembro de 1788 e *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 1, 9 de janeiro de 1789.

<sup>219</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>220</sup> Lisboa, BA, 54-X-7, n.º 125.

<sup>221</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 12www.

<sup>222</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 3z.

<sup>223</sup> Lisboa, BA, 54-V-20, n.º 5q.

do dia 14 de dezembro<sup>224</sup>, causando a D. Maria I, “grande sentimiento y el tierno amor y veneración que le profesaba”, segundo carta de José Caamaño, datada do dia 21<sup>225</sup>. Em Lisboa, foram celebradas exéquias, na capela de Montserrat, na qual se ergueu um mausoléu majestoso, com quatro pedestais e quatro pirâmides, no centro do qual se colocou um retrato do rei coberto com tule negro. Foram apresentadas peças musicais da autoria do compositor italiano Niccolò Jommelli (1714-1774), enquanto a oração fúnebre ficou a cargo do beneditino frei José de Santa Escolástica. Foi destinada uma tribuna ao corpo diplomático que, não obstante, não recebeu convite formal, segundo informações de José Caamaño ao conde de Floridablanca<sup>226</sup>. A *Gazeta de Lisboa* noticiou a morte de Carlos III, dando pormenores das cerimónias fúnebres<sup>227</sup>.

### 3. EPISTOLOGRAFIA, SENTIMENTOS E EMOÇÕES

Se os embaixadores, pelas funções que desempenhavam, estavam numa situação privilegiada para informar o soberano que representavam, fornecendo-lhe dados para tomar decisões fundamentadas, também não deixavam de descrever com todo o rigor e com muitos pormenores as cerimónias e os costumes da corte. Porém, eram as cartas familiares, sobretudo as que eram trocadas entre parentes próximos, que revelavam, de forma mais profunda, os sentimentos de alegria e de pesar, as ansiedades e os momentos de lazer, os conflitos, as pequenas intrigas, as habilidades e os êxitos de quem escrevia ou de terceiros.

Quando autógrafas, as cartas divulgavam sinais inequívocos de deferência para com o destinatário. Eram verdadeiras maneiras de conversar com quem estava ausente, constituindo lenitivos para a saudade, daí haver quem tenha sido ávido por notícias, se queixasse da letra pouco clara e demonstrasse com muita convicção os seus sentimentos. Nas cartas trocadas entre a corte portuguesa e a sua congénere espanhola, no final do século XVIII, foram as dos irmãos, a infanta D. Mariana Vitória e o futuro D. João VI, as mais reveladoras em questões íntimas, em demonstrações de carinho e saudade. Porém, todas as restantes, mormente as que foram enviadas por D. Maria I e D. Pedro III à filha, tornaram presentes o apoio e os conselhos de quem estava ausente.

A afetividade expressava-se igualmente pelos presentes trocados, em especial pelos retratos. Para alegria de D. Maria I, em 1786, chegou a Portugal um do primeiro neto, D. Pedro Carlos. Este tipo de presente cumpria objetivos afetivos, toda a família podia ver o infante que estava longe; e políticos, dando uma imagem de distanciamento e idealização, numa linguagem pictórica que funcionava como “capsulas de memória”, na expressão de Gemma Cobo Delgado<sup>228</sup>. Conhece-se a atitude de D. João, que informou a irmã das suas emoções, escrevendo: “não era preciso o retrato para se saber que era muito bonito: bastava ser filho de uma mãe tão formosa como tu és e também

<sup>224</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>225</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4537.

<sup>226</sup> Madrid, AHN, Estado, leg. 4540.

<sup>227</sup> *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 1, 9 de janeiro de 1789.

<sup>228</sup> Gemma Cobo Delgado, “Retratos infantiles en el reinado de Felipe III y Margarita de Austria: entre el afecto y la política”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, vol. 25, 2013, p. 25.

há de ser cheio de raras qualidades para emitir em tudo a mãe”<sup>229</sup>. D. Maria I foi mais discreta, considerando que o retrato “assim o mostra e ser e ser bonito e pelo que tu dizes e el-Rei e o infante, ainda é melhor”<sup>230</sup>. Nova representação pictórica da criança, com cerca de dois anos, foi enviada pelos pais à rainha, através do ministro da Holanda, em junho de 1788<sup>231</sup>.

Se a correspondência dos embaixadores revela aspetos da intimidade dos membros da casa real, as cartas trocadas entre familiares são mais íntimas e reservadas. Recordemos que D. Mariana Vitória expressou ao irmão o desejo de aquele queimar a correspondência que dela recebia, como veio a acontecer. Isto significa que, cada vez mais se valorizava a privacidade, uma conquista tardia. Para Espanha, essa intimidade em contexto de privacidade da casa real parece ter começado na infância de Carlos III<sup>232</sup>.

Na correspondência entre a rainha de Portugal e a filha e entre esta e o irmão, especialmente neste caso, é particularmente relevante o predomínio dos sentimentos e das emoções em relação a temas como a intimidade, a saúde, a troca de presentes e o amor fraternal. Os deveres e o tempo dedicado ao lúdico tenderam sempre, neste tipo de contactos, a testemunhar a relação íntima entre os dois irmãos. O mesmo acontecia entre familiares que nunca se conheceram, mas que mantinham correspondência frequente<sup>233</sup>.

---

<sup>229</sup> Lázaro, *Se saudades...*, p. 367.

<sup>230</sup> Lázaro, *Com o mais...*, p. 264.

<sup>231</sup> Lisboa, ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 637.

<sup>232</sup> Veja-se a análise da correspondência do futuro rei de Espanha com os pais, durante a infância em Pablo Vásquez Gestal, “‘Je vous embrasse de tout mon coeur’: cultura emocional y entorno cortesano en la formación de Carlos III (1716-1731)”, em *Studium magisterium et amicitia: homenaje al Profesor Agustín González Enciso*, (Pamplona: Ediciones Eunote, 2018) 415-418.

<sup>233</sup> Veja-se, por exemplo, Isabel Drumond Braga, “A infanta Maria Josefa Carmela (1744-1801) e Portugal”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 23-2 (2023) 65-89.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **Fontes manuscritas**

Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
Ministério dos Negócios Estrangeiros, cx. 636, 637, 638.  
Lisboa, Biblioteca da Ajuda  
54-V-9, n.º 1d.  
54-V-20, n.º 1c.  
54-V-20, n.º 1e.  
54-V-20, n.º 1k.  
54-V-20, n.º 1r.  
54-V-20, n.º 1t.  
54-V-20, n.º 3z.  
54-V-20, n.º 5l.  
54-V-20, n.º 5p.  
54-V-20, n.º 5q.  
54-V-20, n.º 7g.  
54-V-20, n.º 12hh  
54-V-20, n.º 12ii.  
54-V-20, n.º 12www.  
54-V-21, n.º 1f.  
54-X-7, n.º 125.  
54-XI-39, n.º 78.

Madrid, Archivo General del Palacio  
Reinado de Carlos III, leg. 210.

Madrid, Archivo Historico Nacional  
Estado, legs. 2626, 4385, 4455, 4537, 4540.

### **Fontes impressas**

Freire, Francisco José, *Secretario portuguez ou methodo de escrever cartas* (Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1787).

*Gaceta de Madrid*, n.º 90, 7 de novembro de 1788; n.º 91, 11 de novembro de 1788, pp. 731-732.

*Gazeta de Lisboa*, n.º 43, 26 de outubro de 1784; n.º 38, 16 de setembro de 1788; n.º 46 11 de novembro de 1788; n.º 47, 18 de novembro de 1788; n.º 48, 25 de novembro de 1788; n.º 49, 2 de dezembro de 1788.

Lázaro, Alice, *Com o mais fino amor: cartas íntimas da rainha Dona Maria I para a filha (1785-1787)* (Lisboa: Chiado Editora, 2014).

—, *La Menina: retrato de D. Carlota Joaquina nas cartas familiares: viagem ao interior da Corte portuguesa 1785-1790* (Lisboa: Chiado Editora, 2011).

—, *Se saudades matassem... cartas íntimas do infante D. João (VI) para a irmã (1785-1787)*, (Lisboa: Chiado Editora, 2011).

Lobo, Francisco Rodrigues, *Corte na aldeia*, introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho (Lisboa: Presença, 1992), 72-104.

*Segundo Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 37, 13 de setembro de 1788.

*Suplemento à Gazeta de Lisboa*, n.º 1, 9 de janeiro de 1789; n.º 30, 30 de julho de 1784; n.º 38, 19 de setembro de 1788; n.º 45, 7 de novembro de 1788

### **Bibliografia**

Araújo, Ana Cristina, “A correspondência: regras epistolares e práticas da escrita”, in Margarida Sobral Neto (coord.), *As comunicações na Idade Moderna*, (Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2002) 119-145.

Bély, Lucien, *L'art de la paix en Europe: naissance de la diplomatie moderne XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles* (Paris: Presses Universitaires de France, 2007).

—, *La société des princes XVI-XVIII siècles* (Paris: Fayard, 1990).

Bennassar, Bartolomé, *Le lit, le pouvoir et la mort: reines et princesses d'Europe de la Renaissance aux Lumières* (Paris: Fallois, 2006).

Bouza, Fernando, “Escribir a corazón abierto: emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII”, *Varia Historia*, vol. 35, n.º 68 (2019) 507-524.

—, *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro* (Madrid: Marcial Pons, 2001).

Braga, Isabel Drumond, “Gravidez e partos da infanta D. Mariana Vitória de Bragança (1768-1788): entre ansiedade e conselhos maternos”, in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Rainhas, princesas e infantas: quotidiano, ritos e cerimónias na Península Ibérica (séculos XVI-XX)*, (Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2022) 179-211; Isabel Drumond Braga, *D. Pedro Carlos (1786-1812): um infante de Espanha em Portugal e no Brasil*, Lisboa: Temas e Debates, 2023.

—, “A infanta Maria Josefa Carmela (1744-1801) e Portugal”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 23-2 (2023) 65-89.

- , “As Mulheres e o Lúdico na Época Moderna. Algumas Perspectivas de Abordagem”, *Caderno Espaço Feminino*, vol. 28, n.º 1 (2015) 378-401.
- , “Nascer e criar na Corte espanhola do Antigo Regime: D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança”, in José Martínez Millán, Natalia González Heras (coord.), *De reinos a naciones: política e instituciones*, (Madrid: Polifemo, 2020) 227-259.
- , *D. Pedro Carlos (1786-1812): um infante de Espanha em Portugal e no Brasil* (Lisboa: Temas e Debates, 2023).
- Braga, Paulo Drumond, “Divertimento, utilitarismo e barbárie: a caça”, in Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga (coord.), *Animais e Companhia na História de Portugal*, (Lisboa: Círculo de Leitores, 2015) 195-221.
- , *A rainha discreta: Mariana Vitória de Bourbon* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2014).
- Calvo Maturna, Antonio, *María Luisa de Parma, reina de España, esclava del mito* (Granada: Editorial Universidad de Granada, 2020).
- Candau Chacon, Maria Luísa (coord.), *Las mujeres y las emociones en Europa y América (siglos XVII-XIX)*, (Santander: Editorial Universidad de Cantabria, 2016).
- Cardim, Pedro, ‘Nem tudo se pode escrever’: correspondência diplomática e información política en Portugal durante el siglo XVII”, *Cuadernos de Historia Moderna. Anexos*, n.º 5, (2005) 96.
- Castillo Gómez, Antonio, “Cinco siglos de cartas: notas sobre la comunicación epistolar en España (siglos XV a XX)”, in Tânia Lobo, Zenaide Carneiro e outros (org.), *Rosae: linguística histórica, história da língua e outras histórias*, (Salvador: EDUFBA, 2012) 607-622.
- , “‘El mejor retrato de cada uno’: la materialidad de la escritura epistolar en la sociedad hispana de los siglos XVI y XVII”, *Hispania*, vol. 65-3, n.º 221 (2005) 847-860.
- , “De reglas y sentimientos: comunicación y prácticas epistolares en la España del siglo XVIII”, in *‘Las cartas las invento el afecto’: ensayos sobre epistolografía en el siglo de las Luces* (Santa Cruz de Tenerife: Ediciones Idea, 2013) 145-153.
- , “De tipografía al manuscrito: culturas epistolares en la España del siglo XVIII”, in Antonio Castillo Gómez (coord.), *Culturas del escrito en el mundo occidental del Renacimiento a la contemporaneidad*, (Madrid: Casa de Velázquez, 2015) 81-97.

- Cobo Delgado, Gemma, “Retratos infantiles en el reinado de Felipe III y Margarita de Austria: entre el afecto y la política”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, vol. 25 (2013) 23-42.
- Correspondance (La): les usages de la lettre au XIX<sup>e</sup> siècle*, direção de Roger Chartier (Paris: Fayard, 1991).
- Daumas, Maurice, *A ternura amorosa séculos XVI-XVIII*, tradução de Cristina Robalo Cordeiro, revisão de Júlio Tavares, (Lisboa: Editorial Notícias, 1999).
- Egido, Teófanos, *Carlos IV: biografía y gobiernos* (Madrid: Ediciones 19, 2015).
- Esponda de la Campa, César, “El paso de princesa de Asturias a reina de España vista por los embajadores extranjeros en la corte española (1786-1789)”, *Librosdelacorte.es*, n.º 24 (2022) 26-56.
- García Cárcel, Ricardo, Rourai Aulinas, Lluís “El reinado de Carlos III”, in Ricardo García Cárcel (coord.), *Historia de España siglo XVIII: la España de los Borbones* (Madrid: Cátedra, 2002).
- Martínez Cuesta, Juan, *Don Gabriel de Borbón y Sajonia: mecenas ilustrado en la España de Carlos III* (Valencia: Real Maestranza de Caballería de Ronda, Editorial Pre-Textos, 2003).
- Mazurel, Hervé, “Introduction: l’exploration du sensible” in Alain Corbin, Hervé Mazurel, *Histoire des sensibilités*, (Paris: Presses Universitaires de France, 2002).
- Miranda, Susana Münch, Miranda, Tiago C. P. dos Reis, *A rainha arquiduquesa: Maria Ana de Áustria* Lisboa: Círculo de Leitores, 2013).
- Monteiro, Nuno Gonçalo, *D. José na sombra de Pombal* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006).
- Moral Roncal, Antonio M., *El infante Carlos María Isidro: primer rey carlista. Biografía breve* (Madrid: Ediciones 19, 2017).
- , *El infante Francisco de Paula Borbón: biografía breve* (Madrid: Ediciones 19, 2018).
- Netzloff, Mark, *Agents beyond the state: the writings of English travelers, soldiers, and diplomats in Early Modern Europe* (Oxford: Oxford University Press, 2020).
- Palacio Atard, Vicente, *Carlos III, el rey de los ilustrados* (Barcelona: Ariel, 2006).
- Pedreira, Jorge, Fernando Dores Costa, *D. João VI, o Clemente* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2006).

- Rocha, Andréa, *A Epistolografia em Portugal*, 2.<sup>a</sup> edição, ([Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985).
- Serrano Sánchez, Carmen, “La evocación del ausente en la escrita epistolar áurea”, in Antonio Castillo Gómez (coord.), *Culturas del escrito en el mundo occidental del Renacimiento a la contemporaneidade*, coordenação de (Madrid: Casa de Velázquez, 2015) 67-80.
- Sowerby, Tracey A., Craigwood, Joanna, “Literary and diplomatic cultures in the Early Modern World”, *Cultures of diplomacy and literary writing in the Early Modern world*, coordenação de Tracey A. Sowerby e Joanna Craigwood (Oxford: Oxford University Press, 2019).
- Vázquez Gestal, Pablo, “«Dove dal nulla l’uomo s’innalza ai più sublimi onori». La Corte de Carlos IV y la reina María Luisa (1788-1808)”, in Luis Miguel Enciso Recio (coord.), *La Nación recobrada: la España de 1808 y Castilla y León* (Valladolid: Junta de Castilla y León, 2008) 37-53.
- , “«Je vous embrasse de tout mon coeur»: cultura emocional y entorno cortesano en la formación de Carlos III (1716-1731)”, in *Studium magisterium et amicitia: homenaje al Profesor Augustín González Enciso* (Pamplona: Ediciones Eunete, 2018) 415-438.
- Ventura, António, “Carlota Joaquina”, *Rainhas de Portugal no Novo Mundo* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011).

Recibido: 1 de agosto de 2023  
Aceptado: 4 de diciembre de 2023